

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
NÍVEL DOUTORADO**

**CAMILA BOTELHO SCHUCK**

**MULHERES NEGRAS EM AÇÃO: O ativismo intelectual nos cursos de  
formação promovidos no Rio Grande do Sul**

**São Leopoldo, RS**

**2023**

CAMILA BOTELHO SCHUCK

**MULHERES NEGRAS EM AÇÃO: O ativismo intelectual nos cursos de  
formação promovidos no Rio Grande do Sul**

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutora em  
Ciências Sociais o Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam Steffen Vieira

S383f Schuck, Camila Botelho.

Mulheres negras em ação: o ativismo intelectual nos cursos de formação promovidos no Rio Grande do Sul / São Leopoldo / Camila Botelho Schuck. – 2023.

f. : il. color. ; 30 cm.

Tese (doutorado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo, 2023.

"Orientadora: Profa. Dra. Miriam Steffen Vieira."

1. Negras. 2. Antropologia Política. 3. Ativistas comunitários.
4. Mulheres. I. Título.

CDU 396

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Camila Botelho Schuck – CRB 10/2436)

CAMILA BOTELHO SCHUCK

**MULHERES NEGRAS EM AÇÃO: O ativismo intelectual nos cursos de  
formação promovidos no Rio Grande do Sul**

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutora em  
Ciências Sociais o Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Orientadora Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Miriam Steffen Vieira

Aprovado em:

---

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Miriam Steffen Vieira (Orientadora) Unisinos

---

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Cecília Lopez – Unisinos

---

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Marília Veríssimo Veronese – Unisinos

---

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Angela Maria de Souza – UNILA

---

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Eliane Almeida de Souza - UFRGS

---

*Em memória de minha mãe, mulher preta, analfabeta e periférica. Sua falta ecoou em minha infância, em minha adolescência, em minha vida adulta. Ecoará em minha velhice e ecoa em minha escrita. Que eu possa fazer valer a vida que você me deu.*

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) através da modalidade taxa, na qual a referida instituição arcou com os custos da mensalidade. Isso possibilitou a execução desta pesquisa que sem essa oportunidade não poderia sequer ter sido iniciada.

Agradeço também a toda rede de mulheres negras do Rio Grande do Sul que se constrói através de diversas iniciativas, entre elas grupos de pesquisa/estudo, redes de proteção e enfrentamento ao racismo, coletivos, sem os quais todo o aprendizado que obtive seria inviável. Obrigada por se compartilharem e se fazerem por vezes espelhos nos quais pude refletir muitos aspectos da minha vivência como mulher negra, que nunca foram questões individuais, sempre coletivas, na dor e no amor. Com vocês aprendi a, mesmo com medo, enfrentar as situações de racismo que perpassaram minha pesquisa e pude entender como as mulheres negras têm realizado um trabalho em prol da responsabilidade e da justiça social dentro dos seus locais de trabalho/estudo e fora destes.

Em particular agradeço minha orientadora Miriam Vieira e o Grupo de Pesquisa Sibitxi: Gênero, Direitos e Saúde em contextos africanos e latino-americanos, nos quais obtive as primeiras leituras e discussões sobre raça e gênero.

Por fim, agradeço à espiritualidade, a toda minha ancestralidade, a meus amigos e minhas amigas, meus gatinhos, Cléo e Fanon, e toda a natureza que se fez presente, para que algo de mim fosse produzido dentro destes quatro anos, perpassados por pandemia, retrocessos políticos e muita fé de que o mundo continua cíclico e esses processos transitórios podem abrir portas para caminhos outros.

*Mil vezes mais forte, mil vezes mais ágil*  
*Mil vezes mais forte, mil vezes mais alvo, mil vezes mais ágil*  
*Mil vezes mais forte, mil vezes mais alvo, mil vezes mais frágil*  
*Mil vezes mais forte, mil vezes mais ágil, mil vezes mais*  
*(Herança - Drik Barbosa)*

## RESUMO

O ativismo intelectual das mulheres negras vem de longos passos, atravessando a academia e os demais espaços da sociedade de múltiplas formas: por meio da luta por políticas afirmativas, da divulgação da cultura afro-brasileira, por músicas, poesias, biografias e demais formas de expressão. O presente trabalho busca observar como essas mulheres têm desenvolvido, através de cursos e ciclos de debate, esse ativismo dentro e fora de suas comunidades, atrelando elementos teóricos, experiências de vida, militância e religiosidade. A partir da etnografia realizada no evento Ciclo de Debates Meninas de Oyà, produzido na cidade do Rio Grande – RS, atrelado a outros eventos que compuseram o fio condutor desta análise, proponho a reflexão sobre os elementos que compõem esse ativismo intelectual, aliada aos escritos de mulheres negras que produziram conhecimento do Norte ao Sul global, destacando, entre elas, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Patricia Hill Collins. Como resultado do material produzido, observei como as dinâmicas da sociedade brasileira, em específico a história da população negra no Rio Grande do Sul, se converteu em uma maciça barreira para a igualdade e a responsabilidade social. As mulheres que conseguem transpor essa barreira, como consequência, acabam lidando com uma sobrecarga de tarefas e demandas que envolvem sua família, seu trabalho e o peso da responsabilidade com seu entorno. Nos eventos, em sua maioria, também se identificou uma diversidade no que diz respeito a idade, classe social, escolaridade e raça. Quanto ao último quesito, dentro de alguns eventos, destacou-se o racismo por parte de indivíduos brancos questionando as experiências de pessoas negras, demonstrando, no espaço de diálogo, a falta de conhecimento da branquitude nas especificidades do racismo estrutural que se desenvolve ao Sul do país. Como conclusão, o que fica são os esforços das mulheres negras em criar espaços para a disseminação do conhecimento entre a população, a duras penas de sobrecarga e desvalorização por parte do poder político, tendo como intuito um profundo desejo de construção de um projeto de sociedade mais igualitário.

**Palavras-chave:** Ativismo Intelectual. Mulheres Negras. Militância. Responsabilidade Social.



## SUMMARY

The intellectual activism of black women comes from long steps crossing the academy and other spaces of society in multiple ways: through the struggle for affirmative policies, the dissemination of Afro-Brazilian culture through music, poetry, biographies and other forms of expression. The present work sought to observe how these women have developed, through courses and debate cycles, this activism within their communities and outside it, linking theoretical elements, life experiences, militancy and religiosity. From the ethnography carried out in the event Ciclo de Debates Meninas de Oyà produced in the city of Rio Grande -RS and, linked to other events that made up the guiding thread of this analysis, I propose a reflection on the elements that make up this intellectual activism, combined with the writings of black women who produced knowledge from the global north to south, highlighting among them Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Patricia Hill Collins, among others. As a result of the material produced, I observed how the dynamics of Brazilian society, specifically the history of the black population in Rio Grande do Sul, became a massive barrier to equality and social responsibility that could be applied to this specific group. Among the women who manage to overcome this barrier, as a consequence, they end up dealing with an overload of tasks and demands that do not involve their family or work, but add the weight of responsibility with their surroundings. In most events, diversity was also identified with regard to age, social class, education and race. As for this last item, within some events, the counterpoint of racism made from white individuals who questioned the experiences of black people was highlighted, thus demonstrating the space for dialogue and the lack of knowledge of whiteness in the specificities of racism structure that develops in the south of the country. As a conclusion, what remains, without a doubt, are the efforts of black women to create spaces for the dissemination of knowledge among the population, under severe penalties of overload and devaluation by the political power, with the intention of a deep desire to build a project for a more egalitarian society.

**Keywords:** Intellectual Activism. Black Women. Militancy. Social responsibility.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Levantamento preliminar da pesquisa desenvolvida.....	<b>21</b>
<b>Quadro 2</b> – Conjuntura dos cursos de formação promovidos por mulheres negras no RS.....	<b>80</b>
<b>Quadro 3</b> – Marcos históricos para o ativismo intelectual de mulheres negras.....	<b>84</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Iyá Flávia iniciando as atividades do ciclo de debates ao centro, à direita a convidada Kuawá Apurinã.....	<b>41</b>
<b>Figura 2</b> - Iyá Flávia ao lado de crianças e de sua filha Juliane (de azul à esquerda) cantando o Hino da Umbanda.....	<b>42</b>
<b>Figura 3</b> - Sangoleke Osunkole apresentando Èsù.....	<b>42</b>
<b>Figura 4</b> - Fabiane D'Oxum realizando sua apresentação.....	<b>48</b>
<b>Figura 5</b> - Ana Claudia Moraes iniciando sua fala no evento sobre Ancestralidade.....	<b>51</b>
<b>Figura 6</b> - Ana abraçando Iyá Flávia ao final de sua fala.....	<b>51</b>
<b>Figura 7</b> - Mãe negrita da Lomba do Pinheiro (Porto Alegre) com o cocar de Pietra Dolamita no almoço.....	<b>54</b>
<b>Figura 8</b> - Mesa do almoço e os participantes ao fundo.....	<b>55</b>
<b>Figura 9</b> - Águas saborizadas com frutas e ervas para acompanhar o almoço.....	<b>56</b>
<b>Figura 10</b> - Iyá Flávia apresentando sua pesquisa sobre bioética.....	<b>58</b>
<b>Figura 11</b> - Mãe Negrita (Eliane Almeida de Souza) falando sobre seu livro.....	<b>59</b>
<b>Figura 12</b> - Iyá Flávia autografando o livro.....	<b>61</b>
<b>Figura 13</b> - Eu segurando o livro autografado por Mãe Negrita.....	<b>64</b>
<b>Figura 14</b> - Centro da roda circular com decoração cartas de tarot e o óleo de lavanda.....	<b>65</b>
<b>Figura 15</b> - Compreendendo os significados das cartas tiradas no tarot dos orixás.....	<b>66</b>
<b>Figura 16</b> - Movimentos da dança circular.....	<b>67</b>
<b>Figura 17</b> - Momento de dança na formatura do Curso Dandaras.....	<b>69</b>
<b>Figura 18</b> - Pietra Dolamita fazendo sua fala no terreiro.....	<b>70</b>
<b>Figura 19</b> - Marina fazendo sua fala no evento.....	<b>71</b>
<b>Figura 20</b> - Professora Ingrid fantasiada de Fada Pretinha para apresentação escolar em 2020.....	<b>72</b>
<b>Figura 21</b> - Patricia lendo seu poema no evento.....	<b>73</b>
<b>Figura 22</b> - Iyá Carla trazendo suas reflexões para o debate.....	<b>75</b>
<b>Figura 23</b> - Patrícia falando sobre saúde mental ao lado de Pietra e de Iyá Carla.....	<b>77</b>

## LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
APA	American Psychologist Association
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
GC	Gestão do Conhecimento
FNB	Frente Negra Brasileira
FURG	Universidade Federal de Rio Grande
MNU	Movimento Negro Unificado
OATD	Open Access Theses and Dissertations
RS	Responsabilidade Social
UFPEL	Universidade Federal Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Unisinos	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. O ATIVISMO INTELECTUAL E A IMPORTÂNCIA DO SEU APROFUNDAMENTO TEÓRICO .....	23
2. GESTÃO DO CONHECIMENTO PROMOVIDA POR MULHERES NEGRAS.....	27
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	37
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88
APÊNDICE I.....	91
ANEXO I .....	96

## INTRODUÇÃO

[...] Mulher!  
 Há corte e cortes profundos  
 Em sua pele, em seu pelo  
 Há sulcos em sua face  
 Que são caminhos do mundo  
 São mapas indecifráveis  
 Em cartografia antiga  
 Precisas de um pirata  
 De boa pirataria  
 Que te arranques da selvageria  
 E te coloque, mais uma vez,  
 Diante do mundo  
 Mulher.  
 (Beatriz Nascimento, 1989)

Começo esta tese com o trecho do poema “Sonho”, da historiadora Beatriz Nascimento (2015, p.32), para me introduzir como pesquisadora, me colocando como este pirata, responsável por decifrar a cardiografia<sup>1</sup> na qual o ativismo intelectual de mulheres negras se encontra. Deste modo, concebo o ativismo como força motriz para a disseminação da cultura afro-brasileira dentro e fora da academia, deslocando um conhecimento muitas vezes não compreendido como uma produção intelectual, mas como fruto de uma militância, incapaz de ter sua aplicabilidade nos fenômenos aos quais as Ciências Sociais buscam observar.

Os cortes profundos, que Beatriz (2015, p.32) cita em seu poema, estão impressos não somente na pele, mas se configuram como um corte epistêmico que apaga o pensamento produzido por indivíduos não brancos, processo desenvolvido minuciosamente pela filósofa Sueli Carneiro (2005) em sua tese de doutorado. Tal dinâmica credita a esses sujeitos uma incapacidade intelectual, configurando, no cenário brasileiro, a continuidade do processo colonial que até hoje se converte no genocídio da população negra. No entanto, essa violência não incide apenas nos corpos negros, mas violenta também a construção dos sujeitos, afastando-os de sua cultura, da dimensão diaspórica de sua ancestralidade africana, culminando na

---

<sup>1</sup>Aqui trabalharei com o conceito de cardiografia ao invés de falar em cartografia, ponto que discutirei mais a diante nos aprofundamentos teóricos. Por hora, cabe explicitar que a escolha pelo primeiro termo se deu em função de uma perspectiva de descolonização da produção de mulheres negras a qual não necessariamente se produz de forma exclusivamente gráfica, discussão feita a partir de estudos sobre Filosofia Africana, pautada pelo coração, portanto, cardiográfica.

fundamentação de uma identidade que se reconhece como não-ser, por vezes objeto, por vezes animal, encerrando, assim, o ciclo do epistemicídio (CARNEIRO, 2005, p. 277-278).

Esse corte afeta de forma contundente mulheres negras sobretudo aquelas que estão inseridas nas classes ditas como inferiores. Nesse sentido, opero ao longo deste trabalho o conceito de interseccionalidade para instrumentalizar o aparato colonial que atinge mulheres no cruzamento da raça, da classe e do gênero, de forma não hierárquica, produzindo uma múltipla exclusão (GONZALEZ, 1988; CRENSHAW, 1989; DAVIS, 2016; AKOTIRENE, 2019). Apesar de muitas interpretações da nossa realidade se desenvolverem a partir de uma concepção dualista, restringindo-se a uma lógica de negro/branco, homem/mulher, pobre/rico, compreendo que a discussão acerca das opressões que cercam as mulheres negras é de extrema complexidade e de diversas sobreposições.

Como “pirata de boa pirataria”, sigo as palavras de Beatriz (2015, p. 32), buscando, encontrar o tesouro produzido por essas mulheres, através de seus deslocamentos da margem, para ficarem diante do mundo numa posição prático-teórica, na qual suas atividades, desenvolvidas no Sul do Brasil, têm se configurado a partir do conhecimento produzido, por elas mesmas e por suas ancestrais, como forma de responsabilidade social, aplicada a toda sociedade. A produção prática e teórica dessas mulheres se tornou o centro do universo desta pesquisa. Seja para corroborar ou para contra-argumentar os resultados, a presente escrita busca citar o máximo de mulheres negras. Busco, como estratégia, evidenciar as possíveis, se não prováveis, divergências teóricas, demonstrando a pluralidade de pensamentos do Norte ao Sul global que atravessam o pensamento de mulheres negras. Amparo-me nas reflexões produzidas por Barbara Christian (2002, p. 86), estadunidense e importante crítica literária, a qual nos mais de cem artigos publicados, problematizou a dominação dos pensadores ocidentais do Norte global, sobretudo homens brancos, o que afetou e ainda afeta a entrada do pensamento de mulheres negras no cenário acadêmico e literário. Busco fugir dessa lógica, inclusive porque também sou uma mulher negra produzindo teoria em uma perspectiva do Sul global.

Nesse sentido, cabe colocar minhas motivações, reflexos da minha trajetória acadêmica desde a graduação, em Biblioteconomia (FURG, 2009), na qual, mesmo lidando com o vasto campo de Gestão do Conhecimento (GC), as ausências de mulheres negras tanto na prática bibliotecária, quanto nas teorias, me fizeram

produzir um Trabalho de Conclusão de Curso voltado para o estudo da GC dentro das Secretarias de Educação Municipais. Ainda que os argumentos científicos de minha pesquisa observassem como a GC se desenvolvia dentro das cidades e como o modelo aplicado refletia nos índices educacionais, parte de mim buscava de alguma forma encontrar mulheres negras atuando em algum espaço do processo educacional, o que, na época se tornou escasso e muitas vezes nulo. Ainda com a mesma inquietação<sup>2</sup>, fui aprovada, em 2016, para o Mestrado em Sociologia, na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e busquei dentro dos Estudos Sociais da Ciência compreender o estreito nicho no qual a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (Capes) definia o que era ciência, mediante periódicos científicos e sua classificação. Em um espaço não tão distinto da graduação, a ausência de referências negras me fez projetar um doutorado no qual eu pudesse ter acesso às leituras aqui presentes, de modo a conseguir compreender como a riqueza da cultura afrodescendente se constrói e se reconstrói pelo ativismo intelectual, identificando seu propósito e suas referências.

Com relação aos caminhos discursivos – ou caminhos do mundo, como descreve Beatriz em seu poema – esta tese adota a citação de autores pelo primeiro nome, na primeira citação, como forma de produzir uma escrita não sexista, visto que a citação feita somente pelo sobrenome invisibiliza as mulheres na academia, ponto exaustivamente discutido pelas australianas Jennifer Gore e Carmen Luke, na obra *Feminisms and critical pedagogy* (LUKE; GORE, 2014). Tal definição não será adotada como forma de transgredir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), regras que, como bibliotecária, compreendo serem fundamentais para padronização de uma ciência. Contudo, como profissional da área, denoto a ausência de um guia de redução de estereótipos sexistas e racistas na escrita. Na ausência deste, amparo-me no guia desenvolvido pela American Psychologist

---

<sup>2</sup> Tal inquietação que me acompanhou desde a infância me parece válida explicitar, ainda que numa nota de rodapé. Minha construção como mulher negra foi feita na ausência de minha mãe biológica ou de qualquer parentesco de minha raça. Criada pela família biológica paterna de descendência alemã, desfrutei do que pode se chamar de privilégios de boa parte da classe média branca e gaúcha, como uma infância frequentando colégio particular, atendimento médico particular, leitura de livros clássicos, dança, teatro, discos de música clássica e uma total ausência de qualquer referência negra, a não ser: minha pele negra clara e as situações racistas que perpassaram minha infância e que lembravam a criança que fui de que, apesar de frequentar os mesmos espaços, ter os meus privilégios, eu não era e nunca poderia ser igual. E na época, eu sequer sabia que a vida que eu tinha era repleta de um capital cultural o qual sem dúvida facilitou estar hoje num espaço acadêmico escrevendo uma tese, ainda que as condições materiais sejam muito aquém do que as experienciadas na infância.



Association (APA, 2020) que traz recomendações para uma escrita preocupada com estereótipos de classe, raça, gênero e orientação sexual, contemplando a proposta deste projeto.

Também é importante observar que esta produção foi escrita na primeira pessoa, para que eu possa me colocar “Diante do mundo/ Mulher”, como Beatriz Nascimento termina seu poema. Frente ao racismo estrutural que permeia a nossa sociedade e a nossa realidade acadêmica, observo que a escrita na terceira pessoa me tornaria invisível, ao passo que o pronome “Eu” me permite ser, diante do mundo, a mulher negra na primeira pessoa que escreve esta tese. No entanto, esse processo intelectual é acompanhado não só pelas mulheres que li, mas por toda ancestralidade. Escrevo, porque outras mulheres escreveram antes de mim, pela espiritualidade que me acompanha neste processo, tornando este trabalho intelectual distante de uma concepção ocidentalizada do fazer ciência. A pirata que navega nestes mares desconhecidos tampouco se encaixa no arquétipo ocidental do que vem a ser um pirata. Nas religiões de matriz africana, por exemplo, o pirata não possui nenhuma privação de um dos olhos, nem possui alguma dificuldade locomotora, seu propósito é “a limpeza do porão íntimo para se encontrar o tesouro perdido em si próprio” (Mãe Chica<sup>3</sup>, 2017).

Sendo assim, me despeço do poema de Beatriz – mas não da autora – para apresentar as motivações desta tese: o ativismo intelectual de mulheres negras que transitam entre os coletivos do Sul do Brasil. Há mares de tinta escritos sobre nossa vivência em uma realidade que coloniza corpos não brancos – sobretudo corpos femininos –, mentes e coração. Contudo, minha pretensa contribuição ao campo de estudos de Identidades e Sociabilidades visa compreender o processo de descolonização dos corpos de mulheres negras que (re) produzem um conhecimento intelectual através dos cursos de formação e eventos, concebendo qual o sentido atribuído para as atoras sociais.

Minha construção de conhecimento, como mulher negra, é produzida dentro do contexto de racismo estrutural, tendo em vista as ações afirmativas desenvolvidas ao longo das décadas não somente dentro do contexto acadêmico, mas politicamente, através dos movimentos sociais, como o Estatuto de Igualdade

---

<sup>3</sup> Mãe Chica foi uma das entidades que conversou comigo num dos eventos que observei, no qual sua fala sobre nos tornarmos piratas para explorarmos os nossos tesouros, antes que alguém descubra e explore, marcou muitas das presentes reflexões.

Racial. O Movimento Negro Unificado (MNU) teve forte participação, mas, em face da desigualdade sofrida por mulheres negras, com demandas que em parte não eram observadas por parte do movimento, desenvolveram-se, paralelamente, pautas compreendidas como pensamento de mulheres negras, através de pessoas como Lélia Gonzalez – fundadora do MNU -, mas não somente. Cabe compreender que o pensamento de mulheres negras foi constituído desde os primórdios, apesar de uma sociedade a qual não considerava mulheres negras como indivíduos de fato. A aproximação e o entendimento desses movimentos são fundamentais para compreender as pautas e suas demandas.

Conforme fui buscando uma aproximação com o pensamento de mulheres negras, sobretudo o Feminismo Negro, participei de alguns cursos e eventos organizados nas modalidades virtual e presencial. Especificamente nos cursos virtuais, percebia a variável de pessoas acadêmicas ou não pertencentes às universidades terem a possibilidade de se envolver, devido ao número baixo de pré-requisitos para acesso. Contudo, tanto virtual quanto presencialmente, notava, em cursos de formação e palestras, o objetivo de demonstrar a presença de um ativismo intelectual. Parte das críticas proferidas por mulheres negras, nesses eventos, amparavam-se na denúncia feita pela antropóloga brasileira e fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU), Lélia Gonzalez (1983), que discutia acerca do mito da democracia racial, do racismo e do sexismo na cultura brasileira. Para Lélia, “Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra” (GONZALEZ, 1983, p. 228), tal afirmação me instigou a refletir sobre como as teorias e as práticas produzidas por mulheres negras são ocultadas do foco dos conteúdos acadêmicos, mas acabam sendo estruturadas e desenvolvidas através dos cursos e eventos como os selecionados para esta proposta.

Para observação inicial de produções utilizadas e discutidas nos cursos e suas pedagogias e metodologias desenvolvidas, foram escolhidos quatro eventos que deram base para uma percepção de como o ativismo intelectual tem se articulado, compreendendo as categorias emergentes, suas pautas e demandas. Foi feita uma observação etnográfica dos seguintes eventos: Curso Dandaras do Coletivo Akanni, lançado em 2019, via modalidade virtual e produzido em sua grande parte por mulheres negras; Minicurso de Filosofia Africana, ministrado em 2019 pela filósofa Katiúscia Ribeiro, Coordenadora Geral do Geru Maa, Laboratório de Pesquisa de Filosofia Africana da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Ciclo de

Debates Meninas de Oya, lançado em 2019, na modalidade presencial, na cidade do Rio Grande, organizado por mulheres negras acadêmicas e lideranças das religiões de matriz africana do Estado; por último, o curso de Lideranças Negras, realizado na modalidade virtual em 2020, ofertado pela organização Ponto de Cultura Boneca Africana Rana<sup>4</sup>, liderada pela professora e ativista Ingrid Costa.

Os critérios para a escolha foram definidos primeiramente por uma livre demanda, levando em consideração deslocamento, recursos e disponibilidade para participação dos cursos presenciais. Busquei lançar olhar apenas para cursos produzidos por mulheres negras, que se utilizavam de um discurso intelectual como base para suas práticas em espaços não acadêmicos. Nesse sentido, O curso Dandaras foi selecionado por representar a prática na modalidade virtual, além de ser o único a realizar uma formatura em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), trazendo marcos legais, o pensamento feminista negro, discutindo saúde, educação e economia. Já o Minicurso de Filosofia Africana foi escolhido por trazer os aspectos filosóficos do ativismo intelectual, contribuindo inclusive para um debate sobre feminismo negro e mulherismo africano. Por outro lado, o Curso de Lideranças Negras apresentou tópicos importantes para serem discutidos acerca da participação de indivíduos negros, especialmente mulheres, no espaço político. Por fim, o Ciclo de Debates Meninas de Oyá apresentou a perspectiva de discutir o ativismo intelectual das mulheres negras no terreiro em conjunto com a sociedade civil, colocando o terreiro não como espaço exclusivo de religião, mas de construção e fortalecimento. Como recurso metodológico, por trazer muitos elementos relevantes para aprofundamento desta pesquisa, apresento o último como fio condutor de minha observação, tendo os demais como ramificações e fundamentação das observações discutidas.

Conjuntamente, os eventos selecionados apoiam uma reflexão relacionando questões históricas da reconstrução da identidade negra, perpassando a relação diaspórica com África, o respeito às religiões de matriz africana, o racismo estrutural, uma triangulação entre concepções filosóficas, históricas e sociais do que vem a ser uma mulher negra ou homem negro na sociedade. Deste modo, a singularidade em comum a ser explorada refere-se à preocupação de mulheres negras em transpor as

---

<sup>4</sup> O Ponto de Cultura Boneca Africana Rana é uma das iniciativas da Organização Não Governamental Águas do Sul.

barreiras impostas pelo racismo, pelo colonialismo, pela estrutura patriarcal e seus desdobramentos.

As implicações do ativismo intelectual de mulheres negras, como temática, foram construídas considerando três aspectos do seu núcleo de concepção. O primeiro refere-se à relevância teórica de identificar categorizações, autores e vertentes da produção escrita e oral utilizadas nos cursos de formação. O segundo diz respeito à importância prática de metodologias e pedagogias utilizadas, no sentido de, quando interpretadas, evidenciarem alternativas de enfrentamento à exclusão imposta às mulheres negras no campo intelectual. O terceiro e último elemento justifica-se pela possível obtenção de novos conhecimentos através do levantamento bibliográfico da temática e dos próprios materiais discutidos nos cursos, concebendo deste modo a produção de novos saberes, buscando depreender a possibilidade de objetivos comuns entre as iniciativas, em última hipótese.

Os cursos de formação, tornaram-se uma possibilidade de mostrar a relevância social e científica produzida por mulheres negras no Rio Grande do Sul, constituindo-se como alternativa frente ao epistemicídio que não permite visibilidade às categorizações teóricas criadas por mulheres negras e por suas redes de cooperação.

O tema é desenvolvido através de três capítulos, de modo a dar a base dos problemas de conhecimento que emergem a partir da discussão sobre o ativismo intelectual em questão. A pesquisa apresenta um levantamento bibliográfico com as pesquisas desenvolvidas a nível de mestrado e doutorado que discutem acerca do ativismo intelectual de mulheres negras, incluindo artigos que contribuíram para as reflexões aqui levantadas.

Em seguida, o primeiro capítulo, intitulado “O ativismo intelectual e a importância do seu aprofundamento teórico”, discute sobre o elemento da intelectualidade do ativismo advindo do pensamento de mulheres negras. Nesta perspectiva, discuto o que Patricia Hill Collins (2013; 2019), bell hooks (2013), Lélia Gonzalez (1982), Djamila Ribeiro (2018), entre outras intelectuais, discorrem acerca do compromisso contra-hegemônico de produção de conhecimento por mulheres negras, ou como hooks (2013, p.10) coloca: “[...] um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista”. Deste modo, compreendo como superado o discurso de que o pensamento de mulheres negras não existe,

buscando trazer a significação sociológica dessa tradição a partir do conceito de ativismo intelectual.

O segundo capítulo “Gestão do Conhecimento promovida por mulheres negras”, buscando identificar as categorias emergidas a partir da primeira investigação dos cursos e eventos observados. Os cursos têm se articulado através do conhecimento da relação histórica e diaspórica com África, trazendo elementos de religiosidade, cultura, filosofia, discutidos como um saber que permite a descolonização e a emancipação para uma prática de resistência.

A metodologia desenvolvida é também apresentada, para o alcance dos objetivos propostos, além das condições éticas a serem desenvolvidas, no sentido de que esta pesquisa precisa produzir algo que retorne aos grupos e cursos dos quais participei. Parte do presente trabalho foi atravessado pela pandemia de Covid-19, atualmente controlada, um dos reflexos é o avanço da preocupação no que diz respeito à Responsabilidade Social (RS), já eminente por parte das mulheres negras. O tema cresceu de tal forma que trouxe inclusive questões normativas, fazendo com que empresas busquem certificação<sup>5</sup>. Nesse sentido, eu e outras mulheres negras fomos procuradas para ofertar treinamentos. Relaciono, assim, meu conhecimento GC como as possibilidades a serem desenvolvidas, não somente por mulheres negras, como a temática da RS, ou qualquer minoria social, assegurando-se as especificidades de cada grupo.

As produções dos últimos dez anos (2010 – 2020), incluindo teses e dissertações, de algumas áreas do Brasil, são apresentadas a partir da revisão bibliográfica, a qual também fez o levantamento em bases de dados internacionais como o Open Access Theses and Dissertations (OATD), Global ETD Search (NDLTD) e na EBSCO Informations Service, tendo como base o mesmo percurso temporal. Artigos e demais pesquisas, encontrados de forma orgânica, através de indicação de outras colegas e outros professores, em disciplinas e eventos que participei, também serão contemplados, buscando, deste modo, fazer um levantamento para observar se as produções convergem para as mesmas discussões e reflexões proposta nesta pesquisa, no que tange ao ativismo intelectual e às pautas levantadas pelas mulheres negras nas iniciativas desenvolvidas no Estado do Rio Grande do Sul.

---

<sup>5</sup> A certificação tem sido conquistada através de instituições como a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) a qual através da norma NBR 16001:2012 orienta empresas para um sistema de gestão em Responsabilidade Social.

O levantamento foi feito, inicialmente, nas bases de dados já citadas, iniciando pela OATD, com a consulta ao termo “ativismo intelectual”, de forma exata, em título, resumo ou dentro do próprio texto, nos últimos dez anos. A estratégia de busca levou em consideração que, ao pesquisar somente no título, não obtive nenhum resultado, contudo, ao amplificar a busca, o resultado chegou a 614 trabalhos, dos quais a maioria referia-se ao ativismo em diversas outras questões não relacionadas ao pensamento de mulheres negras e sua materialização em atividades desenvolvidas na prática. Alguns trabalhos tiveram destaque com relação à proximidade do tema, entre eles a tese de doutorado desenvolvida por Natalia Cabanillas (2016), a qual busca compreender as questões para além do viés político, investigando atividades desenvolvidas por mulheres na Cidade do Cabo (África do Sul). A pesquisa, apesar de abordar um espaço geográfico distinto, trouxe a importante relação dos feminismos, práticas e ideias que envolvem esse ativismo, considerando os grupos participantes e a hiper-heterogeneidade.

Destaco, também, a tese de doutorado de Iran Melo (2013) sobre a perspectiva do mesmo ativismo na comunidade LGBT<sup>6</sup>, especificamente na análise crítica do que é produzido pela imprensa. São importantes, no mesmo sentido, a dissertação de mestrado da Erbênia Ricarte (2018), sobre as lições de educação e militância na trajetória da professora Ruth Cavalcante, e as dissertações da Julia Silva (2014) e do Danilo Silva (2016), sobre narrativas de Oliveira Silveira e Abdias do Nascimento, respectivamente, buscaram, a partir de perspectivas específicas, discutir a potencialidade dos ativismos, que não se restringem somente a uma prática política, mas pedagógica e intelectual.

Para discutir os pontos que se referem às pesquisas desenvolvidas na área, apresento o Quadro 1 contendo algumas produções relacionadas ao ativismo intelectual, cursos de formação e atividades que envolveram o protagonismo de mulheres negras voltado para atividades sociais nos últimos dez anos. Nesse sentido, também se encontram as pesquisas recomendadas como leitura e que auxiliaram na temática a ser aprofundada.

---

<sup>6</sup> A sigla está sendo usada conforme descrita pelo autor, levando em consideração que, à época da publicação, não tinham sido incorporadas as outras letras que compõe a diversidade sexual.

**Quadro 1** – Levantamento preliminar da pesquisa desenvolvida

<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Formato</b>
Nossa arma-palavra: o ativismo intelectual das mulheres negras no poetry slam	2020	Amanda Juliete Souza de Jesus; Florentina da Silva Souza	Artigo
Imagens que narram: memória, testemunho e ativismo intelectual em Nuevo coronavirus y buen gobierno	2021	Edilberto Jiménez Quispe	Artigo
Ativismo negro e justiça racial: produções teóricas e de pesquisa no campo da etnicidade, interseccionalidade e diversidade sexual	2021	Raquel Souzas; Ana Claudia Lemos Pacheco; Núbia Regina Moreira; Tânia Rocha de Andrade Cunha	Dossiê
Feminist Translation Studies — Local and Transnational Perspectives	2016	Olga Castro; Emek Ergun	Dossiê
Da interseccionalidade à encruzilhada: operações epistêmicas de mulheres negras nas universidades brasileiras	2021	Winnie de Campos Bueno; José Carlos dos Anjos	Artigo
A diferença que o poder faz: interseccionalidade e democracia participativa	2022	<i>Patrícia Hill Collins, Carina Jéssica de Souza, Elisa Duarte Nascimento</i>	Artigo
Ciência de Mulheres Negras: um experimento de insubmissão	2021	Giovana Xavier	Artigo
Mulheres negras e a produção de conhecimento em tempos de pandemia	2022	Rosangela Malachias	Artigo
Estrangeira: uma análise às margens	2019	Isabela dos Santos de Assumpção	Artigo

**Fonte:** Elaborado pela autora.

O Quadro 1 de forma alguma pretende esgotar os diversos artigos que tem feito a relação do ativismo intelectual de mulheres negras e sua problematização, contudo, serve para elencar alguns pontos, dando um panorama das discussões que envolvem o tema.

O primeiro ponto se refere ao crescimento exponencial de artigos, mostrando o alargamento das possibilidades de discussão do tema dentro das universidades, fato que, se traçado um histórico, ainda que breve, envolve as políticas públicas, como a Lei de Cotas nº12.711 de 2012, assim como a Lei nº 11.645 de 2008, que determinou a obrigatoriedade, nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Tal marco, apesar de não ser o foco desta pesquisa, possibilita a expansão do ativismo intelectual.

Outro ponto passível de discussão, a partir do Quadro 1, refere-se ao conceito de interseccionalidade, aprofundado ao longo desta tese, que ganhou um crescimento exponencial de discussões, servindo de aporte teórico e de desenvolvimento de políticas públicas e de Responsabilidade Social. Além disso, o referido quadro apresenta as inúmeras possibilidades nas quais o conceito foi aplicado, incluindo sua observação dentro do cenário pandêmico pelo qual as pesquisas produzidas no referido tempo foram atravessadas. Isso porque não se trata de um conceito estático, o ativismo intelectual pode ganhar outros sentidos conforme as mudanças sociais ocorrem. Entretanto alguns elementos, independentemente da variação conceitual, devem ser compreendidos e aprofundados.

Com relação às metodologias utilizadas, para além da etnografia, também foi utilizada a ferramenta de observação participante (FOOTE-WHYTE, 1900), observando suas particularidades e seus benefícios para a investigação, como a aproximação dos indivíduos-chave, compreendendo os sujeitos como colaboradores de pesquisas, tendo em mente que ser útil ao grupo, com a consciência de que apesar de toda a minha disponibilidade e de nossas semelhanças, em quesito de raça e gênero, era fundamental não forçar uma integração completa.



## 1. O ATIVISMO INTELLECTUAL E A IMPORTÂNCIA DO SEU APROFUNDAMENTO TEÓRICO

Os estudos de gênero têm passado por inúmeros desafios teóricos no que diz respeito à multiplicidade de vertentes, desenvolvendo aplicação de suas categorias na produção acadêmica, mas também têm feito parte da formação de mulheres negras para diversos fins, dentre os quais se destacam o incentivo de lideranças, a formação política e o compartilhamento do conhecimento. Busco observar os caminhos das correntes teóricas desenvolvidas por mulheres negras e suas implicações nos movimentos sociais. O termo ativismo intelectual vem sendo levantado por mulheres negras dentro das atividades sociais.

Dentro do campo das teorias empreendidas, identifico como primeiro aspecto dessa multiplicidade do protagonismo a partir de três perspectivas distintas: (1) a de intelectuais brasileiras e latino-americanas, (2) a de norte-americanas, (3) a de africanas. Com relação às intelectuais brasileiras, como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Beatriz Nascimento, discuto em uma perspectiva do feminismo negro, o qual é composto por mulheres que atuam em uma luta antirracista, dimensão também explorada por pensadoras feministas negras latino-americanas, como Ochy Curiel.

No que tange aos escritos de Lélia Gonzalez, há elementos fundamentais para discutir, no entanto, o interesse na autora se dá principalmente pelos elementos que explicam o cerne do feminismo negro. Sua crítica ao feminismo promovido por mulheres brancas, enquanto uma perspectiva hegemônica, que reivindicavam direitos concedidos somente aos homens, revela a flagrante invisibilidade das mulheres negras que na mesma época ainda não eram vistas como mulheres<sup>7</sup>, fruto de um longo processo de desumanização advindo do racismo estrutural. Gonzalez constata que “a libertação da mulher branca se tem feito às custas da exploração da mulher negra” (GONZALEZ, 1979, p. 15). Para compreender as contribuições de Gonzalez, se faz necessário mapear sua trajetória, não restrita apenas ao campo acadêmico, visto que em sua breve<sup>8</sup> vida, a ativista, professora e intelectual produziu

---

<sup>7</sup> Tal ponto pode ser exemplificado – para irmos além da teoria – pelo emblemático discurso de Sojourner Truth (Brah;Phoenix, 2004, p.76) em 1851 no evento Women's Rights Convention nos Estados Unidos, que tem se mantido atual e utilizado por muitas intelectuais do Feminismo Negro.

<sup>8</sup> Lélia Gonzalez teve uma morte prematura aos 59 anos, vítima de infarto, meses depois de assumir o cargo de diretora do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio.

exaustivamente para o projeto de redemocratização brasileiro, desenvolvendo entrevistas e textos – a maior parte foi feita na década de 70 a 80 – com análises fundamentais, que permanecem validadas para compreensão do Brasil.

A vida e a obra de Gonzalez podem facilmente explicar do que se trata o ativismo intelectual. A maioria dos ativistas intelectuais do nosso país, sobretudo pessoas negras, conciliou suas reflexões teóricas com a maternidade, com as reuniões do MNU em sua casa no Rio de Janeiro, com a escassez de recursos e com o enfrentamento à ditadura. Esta pode ser entendida em dois sentidos: O primeiro se refere à ditadura da década de 60, da qual parte das pessoas brancas têm medo, em função da censura, da tortura e do retrocesso do que elas acreditam ser a democracia. O segundo sentido se refere à ditadura que começou antes da década de 60 para os povos negros e indígenas, iniciada há 522 anos neste país. O ativismo intelectual da autora e de muitas de nós, desenvolve-se através de um processo de sobrecarga, que Gonzalez (1979) prefere chamar puramente de exploração.

O ativismo intelectual tem se desenvolvido no campo das Ciências Sociais com a inserção do povo negro nas universidades – em grande parte como alunos e raros casos como professores e/ou teóricos– através de diversas políticas construídas nesse sentido. Gonzalez (1979), ao refletir sobre cultura, etnicidade e trabalho, levanta um ponto que contribui para essa questão:

A sociologia acadêmica tem se posicionado no sentido de -- das mais diferentes maneiras -- apreciar a integração e assimilação do negro como algo a ocorrer graças às exigências lógicas de industrialismo e, conseqüentemente, da modernização. Nesse sentido, a análise do processo abolicionista, pelos teóricos dessa tendência, justifica a situação atual de marginalização do negro como efeito do "despreparo do ex-escravo para assumir os papéis de homem livre, principalmente na esfera do trabalho" [...] Por outro lado, ela como que libera o segmento branco, e suas instituições, em face da menor responsabilidade quanto à situação atual do negro (GONZALEZ, 1979, p. 7).

Desse modo, inicia-se o embate perpetuado até os dias atuais para a inserção da população negra nas instituições e conseqüentemente de teorias produzidas por esse público, visto que estabelecem novos parâmetros para a história contada, contrapondo, por diversos momentos, a realidade e a forma como ela foi e vem sendo interpretada. A análise produzida pela autora é composta por diversos

elementos, a destacar inicialmente a teoria marxista, pela qual Gonzalez compreende a desigualdade nos pontos explanados a seguir.

O primeiro refere-se ao modo de produção capitalista brasileiro, tendo em vista que o capitalismo não pode ser concebido como um fenômeno global de consequências universais e similares em todos os cantos que impera. O que se observa da teoria de Marx (1965) é que este é um sistema econômico e social de exploração,

a presença atual, em diferentes expressões, do capital comercial relacionado a formas pré-capitalistas de exploração da mão-de-obra, articula-se (em graus de maior ou menor complexidade) com o setor hegemônico da economia e de maneira proveitosa para este último (Gonzalez, 1979, p.03).

Já a escolha da filósofa Sueli Carneiro tem seu motivo pautado nos aspectos trazidos desde sua tese de doutorado (CARNEIRO, 2005), na qual a autora discute a categoria poder nas relações sociais, produzindo assim o epistemicídio do pensamento negro, conceito que consiste em um dispositivo fundamental para a hierarquia racial, envolvendo principalmente a educação (CARNEIRO, 2005, p. 33). Outro ponto fundamental de sua obra é a apresentação de como esse epistemicídio desdobra-se dentro das universidades, desqualificando a produção acadêmica de pesquisadores/as negros/as (CARNEIRO, 2005, p. 59). Por último, ainda pontuo a desqualificação da mulher negra – também discutida em sua tese, perpassando múltiplos aspectos, a partir dos quais a autora propõe o enegrecimento do feminismo (CARNEIRO, 2003, p. 118).

A última intelectual brasileira trazida à discussão é a historiadora Beatriz Nascimento, que em seus 20 anos de produção buscou denunciar a invisibilidade dada aos temas referentes à história da população negra (NASCIMENTO, 1974), como também desenvolveu uma literatura com categorias fundamentais para discutirmos a situação das mulheres negras no Brasil.

No campo das intelectuais estadunidenses que trabalham a questão de gênero e raça, destaco bell hooks e Patricia Hill Collins. A teórica e ativista bell hooks contribuiu para esta investigação trazendo a perspectiva do feminismo negro norte-americano, discutindo o racismo através do processo educacional, além de trazer uma crítica na construção do feminismo por mulheres que acabam tangenciando a supremacia branca de seus discursos (HOOKS, 2015, p. 196). Com relação à socióloga Patricia Hill Collins, acredito que sua teoria é fundamental para a discussão de uma Sociologia do Conhecimento, revisitando algumas categorias do

estudo de gênero e raça, repensando o papel da mulher afro-americana dentro da academia (COLLINS, 2016). Além disso, a autora contribui em sua obra para uma compreensão das diferenças e semelhanças entre feminismo negro e mulherismo, ponto importante para a reflexão das múltiplas vertentes ou caminhos que a cosmovisão das mulheres negras pode percorrer (COLLINS, 2017).

Cabe agora compreender como a produção intelectual de mulheres negras tem se desenvolvido no continente africano, situação que ocorre em uma dinâmica distinta do pensamento afro-americano ou brasileiro. Para discutir essas definições, apoio-me nos escritos da socióloga nigeriana Oyèronké Oyewùmí, a qual contesta a construção epistemológica do conceito de gênero no ocidente, apresentando as dificuldades da conceitualização africana nesse sentido (OYEWÙMÍ, 2004). Partindo da mesma posição, utilizo o pensamento de *Clenora Hudson-Weems* (HUDSON-WEEMS, 2000), escritora e professora que cunhou o termo ao qual me refiro como mulherismo africano<sup>9</sup>, permitindo observar como o mulherismo se relaciona com a formação dos coletivos negros no Brasil.

Com relação às escolhas teóricas desta pesquisa, compreendo as diversas correntes teóricas, buscando destacar algumas autoras que têm sido trabalhadas no Brasil, dentro de algumas formações de Coletivos.

---

<sup>9</sup> Cabe fazer a distinção deste termo com o de mulherismo da escritora Alice Walker, o qual possui outro significado.

## 2. GESTÃO DO CONHECIMENTO PROMOVIDA POR MULHERES NEGRAS

As reflexões presentes neste capítulo foram uma construção realizada ao longo dos anos, que começou a tomar forma em 2013, ao me formar na Graduação em Biblioteconomia, refleti sobre os quatro anos de curso no qual desenvolvi projetos na área de Gestão do Conhecimento e Responsabilidade Social, entre eles a participação no LTI – Laboratório de Tecnologia da Informação, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que promovia diversas atividades para alunos e comunidade externa, entre elas, alfabetização digital, criação de e-mail, introdução ao Moodle e outras iniciativas referentes à Educação a Distância (EaD). Os estágios obrigatórios em projetos comunitários, com atividades como a Hora do Conto para alunos da rede pública de ensino, também são parte desse caminho, demarcando a importância de aplicar a Gestão do Conhecimento de forma ética e visando o bem maior da sociedade. No mesmo ano iniciei meus estudos na área de Mestrado em Sociologia, na Universidade Federal de Pelotas – UFPel, e busquei, paralelo a minha pesquisa sobre os Estudos Sociais da Ciência, encontrar mulheres negras nos mesmos espaços que eu, o que raramente acontecia. Essas mulheres não eram as autoras que constavam nas referências bibliográficas das disciplinas desde 2009, quando entrei para a graduação. Também não eram as professoras universitárias na pós-graduação. Não se encontravam como gestoras dos locais nos quais trabalhei, nem as encontravam entre as lideranças políticas. Em contrapartida, em atividades referentes ao serviço doméstico, à higienização dos espaços que ocupei, elas eram maioria.

Tal constatação poderia ser apenas uma observação particular, mas torna-se um dado científico quando confrontado ao fato de que no Brasil, apesar da população autodeclarada negra e parda somar um total superior a 56% (IBGE, 2020), de acordo com o levantamento do Senado (2020), a representatividade dessa população em cargos de decisão é drasticamente baixa. Segundo a professora e pesquisadora negra Eunice Prudente (2020), da Universidade de São Paulo – USP, o país ainda carece de estudos e pesquisas que façam a relação de dados sobre etnia, classe social, raça e gênero, atentando para os dados disponibilizados pelo próprio Governo, os quais demonstram a vulnerabilidade social na qual se encontram a maior parte das famílias negras brasileiras.

Nesse sentido, o conceito de interseccionalidade pode contribuir para análise, caminhando por discussões teóricas (CARNEIRO, 2003, 2011; GONZALEZ, 2018; COLLINS, 2000; DAVIS, 2016) de especificidades e retóricas em níveis globais, que tem se instrumentado como aporte de um projeto que busca desconstruir não apenas a colonialidade na qual a categoria raça se construiu, como também as categorias gênero, sexualidade, classe, religiosidade, entre tantas outras entrecruzadas, formando diversas intersecções nas quais as experiências de exclusão dos sujeitos podem ou não ser definidas. No que tange às possibilidades de execução de estudos da área que possam contribuir para a questão aqui exposta, falar da gestão do conhecimento tornou-se fundamental para a construção metodológica e teórica.

O primeiro ponto que denoto a necessidade de aprofundar teoricamente se refere à participação das mulheres negras na esferas da sociedade, estando, na maioria das situações, à margem do sistema. O termo *outsider* define de forma particular a questão da mulher negra, sendo discutido por teóricos como Howard Becker (2008) e Patricia Hill Collins (2016). No entanto, o termo será discutido da forma como Collins usa, no plural, visto que a condição de desigualdade social a que esse grupo é submetido só tem sentido porque se desenvolve de forma coletiva, categorizando os sujeitos e os delimitando em suas especificidades e subjetividades.

Aproximando-me da perspectiva do que vem sendo discutido por Patricia Hill Collins, cabe então definir não somente quem são os *outsiders*, mas quem são os *insiders*, contemplando os aspectos de ambos, tendo a premissa de que os grupos estão conscientes – senão do todo, mas de alguma parte – dessa relação. Ao tratar dessa questão, a socióloga aborda como a dinâmica fica evidente através das biografias de pessoas brancas de classe média alta, que traziam, em seus relatos, mulheres negras como mães ou parte da família. Contrapondo a biografia desses *insiders*, as mulheres negras tinham a percepção de que apesar de serem *insiders*, no sentido de estarem dentro das casas e trabalharem para as famílias, permaneciam como *outsiders*, pois compreendiam “que não era o intelecto, o talento, ou a humanidade de seus empregadores que justificava o seu status superior, mas o racismo” (COLLINS, 2016, p. 99). Essa percepção, inclusive, é um dos diferenciais do pensamento feminista negro, pois, como afirma a socióloga indiana Avtar Brah, diferentemente das outras vertentes do feminismo, esta buscou

tratar de forma séria as especificidades das opressões que acometem mulheres negras, na prática ou no campo teórico (BRAH, 2006, p. 346).

Meu entendimento busca uma interpretação holística desse fenômeno, ou seja, não se trata de criar um binarismo *insider/outsider*, tampouco de observar separadamente cada grupo, entendendo-os como uma massa homogênea, mas de buscar um entendimento integral da questão. Nesse sentido, Patricia Hill Collins argumenta em relação a como o pensamento feminista negro tem adotado, dentro da academia, a concepção dicotômica<sup>10</sup> mulher/homem, branco/não branco e assim por diante. No entanto, a crítica da autora nesse sentido é que as mulheres negras são interpeladas por várias dessas alternâncias duais e tratar da questão dessa forma impede não só a percepção integral da vivência dessas mulheres, como impossibilita a transformação do sistema binário de dominação (COLLINS, 2016, p.109).

Proponho-me trazer a percepção de como o sistema, que a princípio pode parecer binário, na verdade se torna mais complexo, conforme as intersecções de opressões que acometem *insiders* e *outsiders* são aprofundadas, envolvendo questões do *self* e identitárias, muito em voga nas discussões atuais. Para compreender esse processo, investigo duas perspectivas, pelos autores e autoras discutidos acima, buscando então, trazer as especificidades para as mulheres negras na academia.

Em seu livro sobre *outsiders*, Howard Becker (BECKER, 2008) estabelece a base na qual se encontra a segregação entre quem infringe às regras e quem as determina, atribuindo primeiramente o papel da polícia em lidar com a imposição perante ao Estado. Outro ponto trazido pelo autor diz respeito à imposição, que não necessariamente precisa ser atribuída a uma força policial, mas que “pode ser uma tarefa de todos, ou pelo menos a tarefa de todos no grupo a que a regra se aplica” (BECKER, 2008, p. 16). Conclui sua percepção afirmando que o grau em que um indivíduo pode vir a ser considerado *outsider* varia conforme a regra descumprida por este. O autor explica:

Encaramos a pessoa que comete uma transgressão no trânsito ou bebe um pouco demais numa festa como se, afinal, não fosse muito diferente de nós,

---

<sup>10</sup> O próprio conceito de interseccionalidade tem sido discutido no pensamento feminista negro brasileiro, nem sempre com esse termo, por autoras como Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez ou no pensamento feminista negro estadunidense por Kimberle Crenshaw (1989), que cunhou o termo, trazendo uma problematização dessa forma binária do estabelecimento de opressões.

e tratamos sua infração com tolerância. Vemos o ladrão como menos semelhante a nós e o punimos severamente (BECKER, 2008, p. 16).

Para materializar seus argumentos, o autor apresenta alguns exemplos de *outsiders*, como homossexuais e viciados em drogas, já que estes ressignificam as ideologias vigentes, comprovando que não estão errados, mas sim quem estabelece as sanções. Apesar de até esse momento o autor estar focando mais em definir exemplos de *outsiders*, a formação e a definição desse grupo, contribui para a percepção de quem está do outro lado definindo as regras. Em outras palavras, se a homossexualidade é vista como um desvio, logo, quem define esta regra, são pessoas supostamente heterossexuais e que não possuem vícios. No entanto, a questão torna-se muito mais complexa, pois muitas vezes quem pode ser considerado um *insider*, nem sempre está tão distante do indivíduo *outsider*, no que tange ao *self*. Isso implica em afirmar que no caso de mulheres negras muito provavelmente existirão pessoas negras que discordarão do fato que elas sofrem exclusão. Tal concepção reside nas regras, ou no que podemos chamar de epistemicídio, uma dinâmica analisada pela filósofa Sueli Carneiro (CARNEIRO, 2005), que explica essa complexidade e a linha tênue entre a construção do *self* de grupos distintos.

Tal dinâmica credita a esses sujeitos uma incapacidade intelectual, configurando, no cenário brasileiro, a continuidade do processo colonial que até hoje se converte no genocídio da população negra. No entanto, essa violência não incide apenas nos corpos negros, mas violenta também a construção dos sujeitos, afastando-lhes de sua cultura, da dimensão diaspórica de sua ancestralidade africana, culminando na fundamentação de uma identidade que se reconhece como não-ser, por vezes objeto, por vezes animal, encerrando, assim, o ciclo do epistemicídio (CARNEIRO, 2005, p.277-278). Esse se torna um ponto importante, que também fala sobre como os *insiders* se constroem e limitam a construção identitária dos considerados desviantes.

Para identificar tal ponto, é fundamental compreender o conceito de desvio que Howard Becker traz em sua teoria. Para o autor, o desvio não se constitui como homogêneo, visto que comportamentos ou características diversos podem ter essa classificação. Entretanto, ele afirma que “o ato desviante ocorre porque alguma característica da pessoa que o comete torna necessário ou inevitável que ela o cometa” (BECKER, 2008, p.17). Logo, se não podemos alegar uma homogeneidade



por parte do desviante, podemos atestar uma semelhança por quem determina o desvio. Cabe ainda ressaltar que a questão racial, especificamente a questão de ser branco ou não branco, incide neste ponto, visto que a raça e seus desdobramentos são características em sua maioria inevitáveis, ainda que indivíduos negros passem algumas vezes pelo que podemos chamar de um branqueamento estético e subjetivo de suas condições, na expectativa de não ficarem à margem do padrão hegemônico branco.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que, se existem imagens de controle sobre pessoas negras, do mesmo modo, há imagens, nesse sentido, sobre pessoas brancas. Contudo, não podemos afirmar que essas imagens se desenvolvam de forma homogênea sobre os dois grupos, pois ainda que homens brancos e mulheres brancas possuam o status de *insiders*, faz-se necessário identificar essa diferenciação. No pensamento feminista negro trazido por Patricia Hill Collins (2016), a autora explicita como essas imagens de controle são exercidas de formas distintas sobre os dois grupos, usando o exemplo dado por Nancy White – uma mulher negra – ao ser entrevistada pelo escritor negro John Gwaltney (1980), afirmando: “Minha mãe costumava dizer que a mulher negra é a mula do homem branco e que a mulher branca é o seu cachorro” (COLLINS 2016, p. 103). Com esse exemplo, a socióloga desenvolve como o conceito de desvio é permeado por ambiguidades ou, interpelado por inúmeras intersecções discriminatórias, visto que uma mulher branca pode ser *outsider* em função do seu gênero, entretanto, não poderia sofrer as sanções que sofre uma mulher negra, pois, apesar do gênero como marcador comum, a raça torna as imagens de controle distintas.

Apesar do conceito de interseccionalidade, no que tange às opressões vivenciadas por mulheres negras, ser discutido e trabalhado por pensadoras do feminismo negro, a concepção de Patricia Hill Collins (2016) acerca dos desvios que constroem os desviantes não se afasta do que Howard Beck (2008) concebe por desvio, visto que o autor afirma que em “uma sociedade têm muitos grupos, cada qual com seu próprio conjunto de regras, e as pessoas pertencem a muitos grupos ao mesmo tempo” (BECKER, 2008, p.21). Logo, ainda que o autor não se refira ao termo interseccionalidade, ele identifica que esse processo ocorre na categorização do conceito de desvio, compreendendo que haverá variações de idade, sexo, etnia, entre outros fatores desse processo (BECKER, 2008, p. 30).

Outro ponto importante para compreender quem geralmente está elencado no papel de *insider* diz respeito ao que Howard Becker (2008) tratou como desvio e as reações dos outros, sendo uma construção social, não homogênea em que indivíduos compartilham a experiência comum de serem rotuladas. Minha reflexão, nesse sentido, dá-se na (auto) percepção do *outsider* em poder rotular quem determina seus atributos como desvio, pois essa camada da sociedade também possui atributos em comum, que o autor Frederico Neiburg descreveu como “superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão” (NEIBURG, 2000, p. 08). Desse modo, as características do grupo dos *insiders* integram-se às características que Patricia Hill Collins (2016) traz, compreendendo-o enquanto um grupo composto por pessoas que compartilham da mesma visão de mundo, educadas de formas muito similares, contendo em sua maioria o mesmo padrão de classe, raça e gênero (COLLINS 2016, p. 116).

O que está posto quando trazemos tal discussão para o foco do campo acadêmico, no caso das mulheres negras, é que estas estão sujeitas às regras estabelecidas por pessoas brancas, como Howard Becker afirma brevemente (BECKER, 2008, p. 29). Logo, cabe a reflexão acerca do que o sociólogo definiu como sendo a organização identitária e a forma de conviver como *outsider* (BECKER, 2008, p. 40). Para tal, debruço-me sobre alguns pontos aprofundados por Patrícia Hill Collins (COLLINS, 2016), em conjunto do que vem sendo discutido por autoras que percebem a produção acadêmica de mulheres negras como produto do feminismo intelectual. Em outras palavras, está em pauta a forma como a condição de *outsider*, ainda que possa causar sofrimento a essas mulheres, acaba se transformando em um local privilegiado de observação das múltiplas realidades.

O local do *outsider* é, inquestionavelmente, um espaço de muito desconforto e conflito. No entanto, esse local permite uma visão mais ampla de como os indivíduos ao redor se organizam e por quais imagens de controle estão cercadas. Na área acadêmica, e pensando nas teorias sociológicas como pano de fundo, Patricia Hill Collins (COLLINS, 2016, p.117) identifica a disparidade entre a maioria das mulheres negras e os paradigmas sociológicos, isso porque, por não experimentarem o mesmo contexto de educação, classe e raça dos indivíduos considerados *insiders* – os quais definem regras e teorias do método sociológico – as mulheres negras acabam não concordando com muitas das perspectivas discutidas nas teorias por evidenciarem o olhar e a vivência de pessoas brancas.

Para sua crítica acerca da visão embranquecida da Sociologia, Patrícia Hill Collins (2016) ampara-se na concepção de *insider* e *outsider* do sociólogo Robert Merton (1972) o qual afirmava que o local de *outsider* para além do sofrimento previsto, permitia ao considerado desviante que tivesse uma perspectiva privilegiada do sistema social, ainda que esta fosse pouco valorizada nas Ciências Sociais (MERTON, 1978, p. 29). Não desconsidero a crítica feita pelo autor, porém, o próprio é considerado um dos precursores do Sociologia da Ciência, a qual, segundo seu método<sup>11</sup>, deveria primar por uma ciência asséptica em prol de sua institucionalização. Portanto, não parece que essa assepsia poderia beneficiar o ponto de vista das sociólogas negras, muito pelo contrário. Segundo Patricia Hill Collins, para as mulheres negras adquirirem o estatuto de *insider* sociológico, é necessário abdicar das impressões e observações de sua vivência (COLLINS, 2018, p. 118).

Patricia Hill Collins (2016) concebe o papel das mulheres negras que estão à margem por serem consideradas desviantes, mas simultaneamente estão inseridas no círculo dos *insiders*, como *outsider within*<sup>12</sup>, pois estão na academia fazendo investigações sociológicas para além da familiarização da sua realidade. Essa posição de *outsider within*, que permite um olhar privilegiado para a análise social, não poderia ser adotada por um homem branco ou uma mulher branca, segundo a teoria da autora, visto que tais sujeitos estão imersos em uma tradição teórica que possui dificuldades em detectar anomalias e contradições na teoria sociológica, como a autora explicita:

Em situações nas quais os homens brancos podem achar perfeitamente normal generalizar achados de estudos sobre homens brancos para outros grupos, mulheres negras são mais propensas a verem essa prática como problemática, como anomalia. Similarmente, quando feministas brancas produzem generalizações sobre a “mulher”, feministas negras rotineiramente perguntam “a que mulher você se refere?” (COLLINS, 2016, p. 120).

A crítica ao feminismo produzido por mulheres brancas tem sido um dos pontos fortes do pensamento feminista negro, porque a produção de pauta costuma

<sup>11</sup> Nas regras propostas por Merton, o sociólogo propunha um ethos da ciência, definindo práticas de uma boa ciência. O primeiro imperativo se tratava do comunalismo, o qual dizia respeito a ciência como propriedade comum de todos; o segundo imperativo se tratava do universalismo, que se referia ao padrão universal de avaliação que deveria ser comum a qualquer pesquisa. A terceira regra se tratava do desinteresse, segundo tal, as pesquisas científicas deveriam se pautar em objetivos para a evolução do conhecimento, sem interesses próprios; e o último imperativo, o ceticismo, dizia respeito a postura do cientista, que deveria abster de suas impressões pessoais no fazer científico.

<sup>12</sup> O que em português significaria uma estrangeira de dentro.

tecer generalizações que não levam em consideração as especificidades do que vem a ser uma mulher negra. Todavia, nosso debate não tem intuito de causar ou reforçar uma polaridade, ponto reforçado pela socióloga indiana Avtar Brah (2006), que ao estudar as correntes de feminismo branco e negro, salientou que apesar das diferenças entre as correntes, ambas não devem ser vistas como opositoras, mas como campos discursivos de realidades distintas, trazendo principalmente a questão de que até mesmo dentro do próprio feminismo negro – o qual relaciona múltiplas opressões – por vezes a opressão do racismo é tida como genérica, distanciada de suas especificidades (BRAH, 2006, p. 331).

Pensando no caráter *outsider* das mulheres negras dentro da academia, faz-se necessário confrontar os tipos de racismos e as realidades que o compreendem. Quando Howard Becker (2008) coloca a questão de ser negro como desvio, está tratando em um aspecto universal, sem generalizações ou aprofundamentos dessa questão. Já quando Patricia Hill Collins (2016) coloca tal questão, está tratando especificamente da realidade das mulheres negras estadunidenses. Por outro lado, Avtar Brah (2006) está falando da experiência de pessoas negras no Caribe e no Sul da Ásia, questionando a experiência britânica. Todavia, isso não implica na impossibilidade de pensarmos essas teorizações no cenário brasileiro, pois todas as discussões dão base para pensarmos tal questão no Brasil. Desses autores, é possível depreender alguns aspectos para observar a insurgência política e teórica das mulheres negras no papel de *outsiders*, explorando seus papéis de desviantes e contribuindo para uma teoria sociológica.

Do pensamento feminista negro de Patricia Hill Collins (2016), os pontos que contribuem para a reavaliação da teoria sociológica dizem respeito a autoavaliação e autodefinição das mulheres negras. Isso implica em afirmar que o problema dos Estudos Sociais não está sendo questionado porque a produção é de autoria de homens ou mulheres brancas, quando se trata de experiências estatísticas, por exemplo. Mas perdem em preciosidade quando buscam definir sentimentos e vivências das mulheres negras, desconsiderando suas subjetividades. Tal fato geralmente decorre do vício de certas generalizações usadas, atribuindo termos tidos como sociológicos que enquadram essas mulheres como subalternas, como alienadas do sistema opressor, quando em verdade, estão movendo estruturas, questionando paradigmas, reorganizando conceitos, buscando um olhar sociológico

que não busca uma subversão de modo a considerar outros grupos tidos como *outsiders*, como homossexuais, pessoas em situação de rua, entre outros.

A posição de *outsider within*, como define Patricia Hill Collins (2016), que concebemos aqui como insurgente, não possui os desdobramentos somente no campo da Sociologia, como a autora define. Para inúmeros campos de saber existem paradigmas criados, que podem ser contraditórios para uma mulher negra vista *outsider*, e conseqüentemente há a possibilidade de que os *insiders* dessas áreas de conhecimento possam aprender muito com a experiência dessas mulheres (COLLINS, 2016, p. 331). Contudo, levando em consideração a afirmação de Howard Becker (2008, p.25), que o ato desviante pode ser considerado como tal conforme o *insider* se sinta prejudicado por ele, torna-se possível que o simples questionamento de uma mulher negra dentro da academia seja ofensivo, pois tal comportamento por si só derruba a naturalização e a compreensão do papel de subalternidade.

O ponto de atrito entre *insiders* e *outsiders* fica refletido na disputa de teorias decorrentes desse processo. A crítica e teórica feminista Barbara Christian (2002) trata desse debate apontando como as teorias acabaram se tornando um objeto de mercado, que restringe e ignora o pensamento produzido por mulheres negras. Apesar da autora não usar a concepção de *outsider* abordada aqui, sua contribuição demonstra uma observação contundente sobre como os críticos – sejam teóricos ou acadêmicos – acabam definindo quais teorias e livros devem ser lidos e aceitos, o que implica no poder dos *insiders* em tangenciar a insurgência das *outsiders within*.

No entanto, tendo em mente a complexidade entre desviantes e quem define o desvio, é necessária a compreensão de que também há um embate na concepção de mulheres negras dentro da academia, no que se refere a *outsider within*, conforme a proposição de Patricia Hill Collins (2016). Se existe um impulso para que o pensamento de mulheres negras ecoe dentre as teorias apresentadas nas discussões sociológicas, também existe uma disputa no sentido de definir o pensamento de quais mulheres soarão como porta-voz dessa crítica. Nesse aspecto, é comum que as teóricas estadunidenses como Angela Davis (2016) e Patricia Hill Collins (2008), tenham um impacto maior no pensamento feminista negro dentro da academia do que as próprias autoras brasileiras, fato que é observado pelas duas autoras citadas, que indicam que deveríamos estar discutindo autoras como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. Tal situação, decorre da disputa

de teorias que Barbara Christian (2002), fazendo com que, dentro do grupo de *outsiders within*, acabe sendo relegado o pensamento produzido pelo grupo de mulheres que estão no Sul global, em detrimento do pensamento produzido pelo Norte global. Contudo, tal julgamento também é reforçado pelas estadunidenses, confirmando a singularidade do olhar das *outsiders* que conseguem fazer uma crítica do seu próprio grupo.

Por fim, busco dentro dessa perspectiva teórica, estabelecer relações com algumas teorias, de forma aprofundada, a partir de suposições acerca do campo investigado. Contudo, tais pressupostos não significam adequar a qualquer custo as teorias pré-concebidas à realidade a ser encontrada, mas sim partir de alguns marcos teóricos dentro do contexto do objeto pesquisado.

Apresento a seguir o desenvolvimento sistematizado da pesquisa, que consiste inicialmente na problematização do falso conceito de empoderamento, que por vezes perde seu sentido, atrelado ao conceito de empreendedorismo feminino, de forma a levantar as possíveis implicações em seu uso inadequado para a pesquisa operacional.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

Tendo em vista o exposto em torno do tema, cabe defini-lo pela investigação dos elementos do ativismo intelectual de mulheres negras no Rio Grande do Sul, buscando identificar o nível de comprometimento das realizadoras dos cursos com as questões sociais; a agenda de discussões e a articulação desta com outras agendas – pautas globais, como exemplo; as estratégias desenvolvidas em nível pedagógico e como conectam-se com questões de gênero e raça; a reflexão das mulheres sobre seus cursos, inclusive levando em considerações a implicação da pandemia em suas atividades.

A do objetivo não pretendia tratar as participantes de uma forma genérica, contudo, o enfoque, em um primeiro momento, foi apresentar o campo preliminar que envolve o evento do Ciclo de Debates Meninas de Oyà, para posteriormente definir categorias, observando as pautas emergidas, podendo, assim, construir um fio condutor a outros eventos que apresentaram elementos interligando os dados obtidos através das demais etnografias realizadas.

Com relação às questões norteadoras, desde as primeiras leituras e participações em eventos, busquei compreender de que forma todas as iniciativas desenvolvidas no Rio Grande do Sul poderiam configurar um movimento do ativismo intelectual feminino e negro, sem observar essas iniciativas como isoladas. A partir dessa pergunta, tendo em vista minha relação com o campo, outras questões emergiram, dentre elas: Levando em conta que as atividades são feitas de forma gratuita ou com baixo custo de participação, como os recursos são captados para a execução das atividades? Ainda nesse ponto, e considerando a extensa demanda que envolve a criação de eventos, aulas, cursos, como essas mulheres sentiam-se dentro do processo? Existe uma rede de apoio ou elas sentem-se sobrecarregadas?

Minha hipótese foi de que seja de forma estratégica ou de forma orgânica, tem se constituído no Estado uma rede de cooperação, que busca ampliar as relações para além de suas comunidades, utilizando a interseccionalidade como uma ferramenta, aproximando outros sujeitos, não somente mulheres negras, para a discussão. Questiono também se, levando em consideração os debates sobre gênero e raça, envolvendo racismo estrutural e suas implicações dentro da sociedade, essas mulheres não procuram, através dos cursos de formação,

desenvolver e implementar o aporte para um modelo alternativo de transmissão e divulgação do conhecimento.

Independente da confirmação dos questionamentos e das hipóteses, o presente trabalho tem a pretensa de contribuir de alguma forma para as Ciências Sociais, buscando apresentar os aspectos que envolvem o ativismo intelectual de mulheres negras no Rio Grande do Sul, de modo a apresentar novas reflexões, apresentando inclusive a construção de um modelo de Gestão do Conhecimento focado na forma como as mulheres negras tem praticado Responsabilidade Social, não somente com seus grupos, mas com a sociedade como um todo.

A presente metodologia de investigação foi construída com reflexões acerca de um evento observado através da etnografia, o Ciclo de Debates Meninas de Oyà, no Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande, em setembro de 2019. As observações e reflexões construíram-se através das leituras sobre a observação participante como técnica de coleta de dados e a etnografia como técnica de análise de dados, na qual busquei observar as categorias que emergiram do campo. Esse evento foi como fio condutor do percurso metodológico, os demais eventos constituem-se como ramificações.

Voltei ao caderno de campo descrevendo e analisando alguns pontos dos eventos, que revelaram muito do que tenho investigado através do ativismo intelectual de mulheres negras. Para que se possa ter um delineamento metodológico geral, apresento a seguir os objetivos gerais e específicos da presente pesquisa.

Por objetivo geral busco compreender o ativismo intelectual desenvolvido por mulheres negras no Sul do Brasil, investigando as especificidades dos cursos de formação, depreendendo destes a agenda e os conceitos abordados. Defini como objetivos específicos os itens abaixo:

- 1) Observar quais aspectos envolvem o ativismo intelectual em sua prática, observando discurso, preocupações locais/globais;
- 2) Identificar quais teorias estão envolvidas nos discursos, entre perspectivas teóricas e políticas;
- 3) Compreender de que forma a Gestão do Conhecimento das mulheres negras e sua preocupação com a falta de Responsabilidade Social por parte do Estado se relaciona com suas iniciativas;



4) Analisar, através das teorias discutidas, qual o sentido atribuído para as promotoras dos cursos de participação e os demais participantes, elencando os elementos que emergirem do campo, entre eles religiosidade, questões de gênero, de raça e demais possibilidades.

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, por buscar uma construção ativa do conhecimento, envolvendo a participação na experiência prática através de atributos que facilitam esse processo, entre os quais empatia, compreensão, escuta e observação feita com respeito e honestidade. Sem dúvida essas propriedades, como bem apontadas por Stella Taquette e Luciana Borges (TAQUETTE; BORGES, 2020), além de importantes, puderam ser experimentadas e aprimoradas na pesquisa qualitativa em campo.

A pesquisa é delineada em uma perspectiva do fazer etnográfico, uma experiência totalmente nova para mim que trabalhei desde a graduação com métodos que concebo mais engessados, como análise documental e análise de conteúdo. Na etnografia vislumbrei a possibilidade metodológica de poder realizar uma pesquisa empírica, podendo transcrever tudo que afeta os meus sentidos em contato com o campo: os cheiros, as cores, os sabores, as disposições dos objetos, que, como Mariza Peirano (2014) define, não são apenas dados coletados, mas questionamentos e fontes de renovação.

Dentro dessa possibilidade, apresento a construção realizada a partir de coletas realizadas nos eventos já citados, com descrição dos fatos, incluindo uma série de fotos do Ciclo de Debates Meninas de Oyà que trazem a riqueza do ativismo intelectual por si só. Passados três anos desde o evento, ele ainda não perdeu sua potência, não só pelas relações que mantenho com participantes, mas pela beleza de ver algumas delas alcançando voos cada vez mais altos, algumas atualmente fora do país, levando seu ativismo intelectual para espaços dispostos a ouvir o Sul global. Ainda que isso seja uma satisfação, também se torna problemático, visto que nossos conhecimentos têm mais atenção fora do que dentro do nosso país.

Por fim, ressalto o espaço aberto para apontamentos da melhor forma de análise dos dados apresentados a seguir, destacando ainda que a escolha deste evento, dentre os outros, foi por este ter sido presencial e trazer aspectos que foram

abordados nos demais eventos, porém de uma forma reunir diversos elementos que foram teorizados sobre o ativismo a qual busco compreender.

A partir deste ponto, apresento alguns elementos ocorridos no Ciclo de Debates Meninas de Oyá, ocorrido no terreiro da Iyá Flávia, nominado Ilé Oyá D Iansã Dirá e Xango Aganjú e Ogum Marió e demais eventos, semelhantes por suas dinâmicas. Com relação ao primeiro, a iniciativa da criação de um ciclo de debates foi fruto de um projeto intitulado Ilé Asé Aloyá Ifokánrán, o qual buscava discutir diversas questões pertinentes à comunidade, como o lugar da branquitude no espaço do terreiro; o racismo nas escolas e na sociedade; outras formas de se pensar política a partir da filosofia africana, entre outros.

O dia era um domingo, dia 24 de novembro, as atividades estavam marcadas para serem iniciadas às 08 da manhã, sendo realizados no terreiro da Iyá Flávia, no bairro Santa Rosa, em Rio Grande. Fui convidada pela Elisângela, mulher negra que conheci no curso de Filosofia Africana<sup>13</sup>, meses anteriores, e acabamos trocando contato em função do curso ter sido em Porto Alegre, na época, éramos as duas únicas de Rio Grande. Ao chegar no local, encontrei Elisângela e a abracei brevemente visto que um ritual já se iniciava. O primeiro ponto que me chamou a atenção nessa apresentação foi a musicalidade, que posteriormente seguiu atravessando algumas atividades. Em certo sentido, essa dinâmica pode ser denominada como “pontos”, terminologia aplicada nas religiões de matriz africana (SANTOS, 2014), quando utilizadas dessa forma.

Posteriormente, agradeceu por todos os presentes, explicou quem era, sua posição e como seria a próxima apresentação. Informou também que haveria um almoço após o turno da manhã, além do café da tarde. Ao seu redor, além de toda a decoração, com flores, conchas, santos e símbolos de orixás, também havia cestas com frutas e doces. como quindim e cocada branca.

---

<sup>13</sup> O Curso de Filosofia Africana foi realizado de forma presencial, iniciativa que continha duas modalidades de duas modalidades de ingresso, a primeira estipulava um valor e a outra consistia em bolsas para pessoas negras que não pudesse pagar. Ministrado pela Doutora Katiúscia Ribeiro, o mesmo foi uma iniciativa do Laboratório Geruu Maa de Africologia e Estudos Ameríndios.

**Figura 1** – Iyá Flávia iniciando as atividades do ciclo de debates ao centro, à direita a convidada Kuawá Apurinã, também conhecida por Pietra Dolamita, e à esquerda o convidado Sangoleke Osunkole fotografando o momento



Fonte: a autora.

Interessante observar que todas as pessoas convidadas a fazerem alguma fala ou atividade também ajudaram durante o evento, seja fotografando, na hora do almoço, dentro outros apoios ou mostrando uma dinâmica colaborativa.

Iyá Flávia defumava parte do ambiente e badalava um sino ao redor do congá, pedindo para que os orixás abençoassem a atividade do dia. Em seguida, solicitou a todos para cantar o Hino da Umbanda que se constituía dos seguintes trechos:

Refletiu a luz divina com todo seu esplendor  
 Vem do reino de Oxalá onde há paz e amor  
 Luz que refletiu na terra, luz que refletiu no mar  
 Luz que veio de Aruanda para tudo iluminar  
 A Umbanda é paz e amor, é um mundo cheio de luz  
 É a força que nos dá vida, e a grandeza nos conduz  
 Avante filhos de fé, com a nossa fé não há  
 Levamos ao mundo inteiro a bandeira de Oxalá.

O hino que inicia o evento traz o significado de Oxalá, para Umbanda, Candomblé e Cabinda, associado, através do sincretismo católico à figura de Jesus Cristo, sendo considerado como o “Pai Nosso”. Ao desenrolar do evento, a mãe da casa informou ser filha de Oxalá, o que explica como o canto à divindade também simboliza uma forma de união entre a Iyá e o seu “pai”. É significativo observar que os ritos em algumas outras casas também são iniciados por esse hino.

**Figura 2** – Iyá Flávia ao lado de crianças e de sua filha Juliane (de azul à esquerda) cantando o Hino da Umbanda.



Fonte: a autora.

Outro orixá que se manifesta ao longo das atividades é Oyá, a mesma contida no título do evento. Seu nome em Yorubá significa Rio Níger e, dependendo da religião, pode ser nomeada Iansã, como no Brasil, considerada como a deusa dos raios e das tempestades, tendo suas histórias contadas a partir dos *itans* (VERGER, 2002, p. 168). Sua simbologia energética no terreiro está ligada à liderança feminina, à força da mulher guerreira, como arquétipo:

O arquétipo de Oiá-Iansã é o das mulheres audaciosas, poderosas e autoritárias. Mulheres que podem ser fiéis e de lealdade absoluta em certas circunstâncias, mas que, em outros momentos, quando contrariadas em seus projetos e empreendimentos, deixam-se levar a manifestações a mais extrema cólera (VERGER, 2002, p. 170).

Após a apresentação do evento, aconteceu a exposição de Sangoleke Osunkole, sobre como Èsù, carregando um aspecto político e de muita resistência. Também me chamou a atenção que, apesar do seminário conter no título “Meninas”, os homens também tiveram espaço para colocar suas falas e apresentarem suas pesquisas. Ao iniciar sua fala, o palestrante explicou que se baseou muito nos escritos de Nei Lopes, especificamente no livro *Kitabu: o livro do saber e do espírito*

negro-africanos, explicando inclusive que devemos observar a diferença entre africanos filósofos e filósofos africanos, tendo em vista que estes últimos seriam os sujeitos que se debruçam a estudar em uma perspectiva africana. Nesse sentido, o palestrante colocou como a xenofilia dentro do berço matriarcal faz toda a diferença para abraçar a xenofobia, de modo que um fator está intimamente relacionado ao outro, quando falamos na realidade da cultura afro-brasileira. Outro ponto defendido, foi o de que devemos perceber que, ao tratar de Èsù ou da cultura africana, não estamos falando de religião, mas sim de visões de mundo, as quais acabaram sendo afetadas, até certo ponto, pelo sincretismo afro-católico. Logo, era preciso observar uma diferenciação entre as formas pelas quais todo esse conhecimento era versado: pelo owe (poemas), pelos itans (as histórias propriamente ditas) e pelos orikis (poesias religiosas).

Para explicar como compreender a potência do Èsù como força política, o palestrante usou da dialética de Hegel, percebendo essa dinâmica como o princípio de autoexpansão, um princípio dual, lembrando ainda que a dualidade não se trata de oposição, mas de complementação, de uma existência simultânea. Logo, Èsù não pode ser visto como um orixá maniqueísta, ele não é bom ou ruim, não é deus ou o diabo, nem percebe nossa existência como uma experiência carnal e por isso maléfica, enquanto nosso espírito é algo puro que precisa ser salvo. Na sociedade Ogboni, Èsú é considerado como um princípio de justiça, simbolizado pelo número 3, simbolizando a terceira via da dualidade, procurando uma reparação. Outro aspecto do orixá é que ele existe no todo, estabelecendo-se como e no coletivo, transcendendo espacial e temporalmente a sociedade, e participando de nosso contínuo ancestral.

No ifá (oráculo), Èsú é o corpus cosmológico e epistêmico, sendo assim, existem razões importantes para observar porque ele foi escolhido como a divindade a ser cultuada no Rio Grande do Sul. O palestrante começou a explicar sobre o processo de escravidão, definindo-o como uma etapa de não existência, desontologização, atingindo, inclusive, Èsù, o que se encaixaria como a completude de todo esse processo. Esse processo, por afetar o obara (a dimensão materializada da existência), fez com que Èsù, figura central da cosmogonia iorubá, fosse o escolhido como principal orixá no Rio Grande do Sul, devido ao grande número de negros e negras enviados para morrer congelados nas fazendas de charque do Estado, pois aqui era considerado um território para

castigo dos que tentavam fugir, servindo de ameaça para os demais. Segundo o palestrante, um indivíduo negro enviado para o Rio Grande do Sul não durava mais de três anos, em função do frio, por isso Èsù Bará é cultuado unicamente no Rio Grande do Sul, pois é o responsável pela matéria. Esse orixá ainda possui algumas subpotências: Lodê, Lamã, Adagbe e Agele.

**Figura 3** – Sangoleke Osunkole apresentando Èsù.



Fonte: a autora.

Como conclusão, o palestrante afirmou que a partir desses aspectos poderíamos perceber a dimensão política de Èsù, tendo em sua visão que o colonialismo ainda é um processo em continuidade, tornando-se fundamental a compreensão de orixá que sempre fortaleceu a nossa matéria. Lembrou ainda que não estamos procurando contar nossa história de nós para nós, mas de nós para o mundo, e que para isso é importante perceber nossa construção identitária de que não somos descendentes de negros, mas de bantos, yorubás e efóns.

Trago, neste ponto, a apresentação ocorrida no Curso de Filosofia Africana, onde a Dra. Katiúscia Ribeiro explicou como o desenvolvimento do colonialismo no Brasil está intimamente ligado aos efeitos do cristianismo, que muito mais que um culto a uma religião, estabeleceu princípios de brancura e pureza a serem alcançados, tornando tudo que é africano uma antítese do padrão eurocêntrico de redenção e salvação. Essa relação, segundo a filósofa, dá-se a partir da classificação racial da população mundial como ferramenta de divisões binárias,

estabelecendo assim relações sociais, econômicas e políticas de colonização. Como recomendação, indicou os escritos acerca das epistemologias do Sul produzidos por Aníbal Quijano (2009), especificamente os conceitos sobre colonialidade do poder e classificação social.

Os ensinamentos de Sangoleke lembraram-me diversos pontos aprofundados no curso de Filosofia Africana. Como pude perceber, o recurso de usar Èsù como fonte de saber, de caminhos que subvertem a ordem colonial, aproxima-se do mesmo propósito da Filosofia Africana: questionar a ordem, como pontuado por Katiúscia, trata-se de constatar a imposição de uma cultura eurocentrada e, fazendo uma reconstrução dela. A filósofa não buscava estabelecer apenas um exercício de reflexão filosófico sobre pensar a cultura. Pelo contrário, alertou que a cultura deve ser vista como nosso sistema imunológico, se pessoas negras adoecem em função do racismo no qual a cultura brasileira está mergulhada, a possibilidade de reconstrução a partir dos estudos da Filosofia africana, ou filosofia Kemética, como definiu, são possibilidades de fortalecimento, prevenindo o adoecimento já em curso dessa parcela da população.

Com relação ao adoecimento, foram citadas a ansiedade e a depressão, que acometem pessoas negras em função do racismo, sobretudo no que se refere ao conhecimento de suas raízes ancestrais, apagadas através de diversas ressignificações da branquitude. Entre os exemplos citados pela filósofa, o primeiro se referia a própria filosofia, tida como construída na Grécia, quando em verdade deve ser considerada pluriversal, haja vista o equívoco de compreender a disciplina como algo produzido exclusivamente pelo ocidente. Para sustento desse argumento, Katiúscia citou os estudos desenvolvidos no laboratório, sobretudo pelo filósofo Renato Nogueira (2013), o qual contesta o surgimento da filosofia no ocidente, a partir do pensamento de Amen-em-ope (1300 A.C), sobretudo a partir da ética da serenidade. A filósofa apresentou outros pensadores da filosofia kemética, entre eles, Khéti, Ptah-Hotep, Cheik Anta Diop e Meri-ka-rá.

As apresentações feitas por Katiúscia e Sangoleke servem para mostrar que, independentemente dos caminhos percorridos, seja pela África Ocidental ou pela Oriental, existe todo um conhecimento apagado e que, ao ser posto à luz, concebe histórias que divergem da construção de conhecimento internalizado pela sociedade, através das disciplinas. Conforme os discursos foram discorrendo, o sentimento era de que existia uma história não contada, ora cercada por intolerância religiosa, como

é o caso do estigma acerca da entidade de Exu, ora pelo peso dos clichês hollywoodianos acerca do Egito antigo.

Seguindo a lógica da sustentação do argumento de que a filosofia não nasceu na Grécia, a filósofa voltou a citar Cheik Anta Diop, antropólogo africano senegalês, que ao estudar a cultura africana pré-colonial concluiu que o Egito seria o berço de nossa civilização, ponto comprovado não somente por datas, mas pelas concepções apropriadas ou apagadas pela concepção helênica construída pela Grécia. Contudo, como boa parte do conhecimento africano e asiático, acabou sendo preterida a partir do conflito de interesses da branquitude, a partir do século XIX. Katiúscia pontuou que em sua trajetória as inúmeras vezes que teve que lidar com os questionamentos sobre a veracidade de uma filosofia africana, entendendo que muitos desses ataques referiam-se à dúvida em relação a pessoas africanas produzindo conhecimento cognitivo.

Dando outro ponto a esse apagamento sistemático, a filósofa citou a lei 10.639 e as relação com o ensino de Filosofia, pois a preocupação em se contar outra filosofia, no caso, a africana, tem se tornado um embate por desestabilizar o poder hegemônico do conhecimento ariano. O fato, segundo Katiúscia, mantém-se porque a filosofia Kemética confirma a ideia de que não existe uma perspectiva de pensamento universal, logo, não existe um único modelo de família, do que é ser homem ou mulher. Como resultado, a partir da aceitação dessa premissa, torna-se inegável que o universalismo sistematizou todo o epistemicídio, conceito explicado por ela, a partir de Sueli Carneiro.

As falas de Sangoleke e Katiúscia relacionam-se ao epistemicídio. katiúscia definiu esse processo dentro da filosofia Kemética como uma colonização cognitiva, feita de forma estrutural, realizada de forma deliberada até os dias atuais para todo e qualquer pensamento não produzido pela matriz europeia. Outro material que contribui para o entendimento dessas questões refere-se ao módulo V do Curso Dandaras, o qual foi discutido pelo professor José Rivair Macedo, sobre a África e o mundo atlântico, a diáspora negra e o Brasil, assim como a diáspora africana. O conceito de diáspora, segundo o professor, está ligado às relações transnacionais e transculturais, que, se de um lado ocorrem da perda do território, da cultura e da linguagem promovida pelo colonialismo, a contrapartida desenvolve-se através de iniciativas que resgatam a noção de pertencimento por povos negros africanos, afro-americanos e afro-brasileiros.



Dentro dessas iniciativas, o resgate de Sangoleke pelo significado de Exu como força política, compreendendo sua matriz africana e sua significação no cenário do Rio Grande do Sul, se traduz no tipo de construção de pertencimento explicado pelo professor José Rivair. Do mesmo modo, uma construção no que tange ao vocabulário das três iniciativas aqui relacionadas, Ciclo de Debates, Curso de Filosofia Africana e Curso Dandaras, evocam terminologias africanas e vocábulos que sem esses empreendimentos seriam por mim e pelos demais totalmente desconhecidos. Pouco sabemos das palavras que usamos em nosso vocabulário que são de origem africana<sup>14</sup>, menos ainda acerca do berço dessa linguagem. No curso de Filosofia Africana, Katiúscia apresentou diversos vocábulos de modo prático, usando-os nos cumprimentos, no material produzido e durante os slides de sua apresentação. Tais vocábulos estão reunidos no Apêndice I desta tese para que os leitores possam ter o mesmo contato com essa língua e porque podem ser utilizados dentro de disciplinas que estão amparadas pela Lei 10.639. Com relação às palavras apresentadas, ainda foi observada sua pronúncia, discutida na sessão de análise dos resultados.

Voltando para o Ciclo de Debates Meninas de Oyà, a terceira apresentação foi de Fabiane D'Oxum, a qual procurou trazer em sua fala seu papel como mulher branca em um terreiro, com a apresentação intitulada "Estudo decolonial no terreiro: lutas antirracistas no terreiro e o branco na tradição de matriz africana", a palestrante buscou explicitar como a questão do eurocentrismo e do poder dentro do colonialismo acabam por destruir a cultura afro-brasileira.

---

<sup>14</sup> A professora Ingrid do Curso de Lideranças Negras apresentou em uma de suas aulas algumas palavras como dendê, fubá, moleque, quitanda, cachaça e cuia que são de origem africana e que mostram a relação de apagamento desse processo histórico na linguagem afro-brasileira.

**Figura 4** – Fabiane D'Oxum realizando sua apresentação



Fonte: a autora.

Para se apresentar, a palestrante explicou que era filha de santo da Iyá Flávia (mãe do terreiro no qual ocorreu o evento) e que sua história com a religião iniciou quando era criança. Sua mãe teve o parto em um hospital no qual tinha uma imagem de lemanjá e tinha prometido à santa que se ocorresse tudo bem em seu parto, daria o nome da santa à filha recém-nascida. Como não cumpriu a promessa, sempre tinha medo que acontecesse algo à filha, principalmente quando a levava à praia, pois tinha medo que lemanjá levasse sua filha pelas águas do mar. Outro momento de sua infância, relacionado com a religião, foi quando, ao pegar frutas da árvore de uma senhora na cidade em que morava (Porto Alegre), foi convidada a entrar na casa dela, onde foi apresentada a um cômodo da casa cheio de santos, no qual a senhora disse que quando ela crescesse, moraria em uma cidade cercada pelas águas da mãe lemanjá. Dessa forma, ela acabou indo morar em Rio Grande.

Em sua fala, descreveu o que para ela seria o local do branco no terreiro, uma forma de compreender a cultura afro-brasileira, aprendendo a respeitá-la de modo a pertencer sem perverter, pois, para ela, o terreiro é uma forma de vivenciar uma sabedoria distinta dos valores egoístas da cultura eurocêntrica. Para Fabiane, as pessoas brancas deveriam ter o cuidado de não continuar a reproduzir o epistemicídio ontológico que gerou o processo de escravização e genocídio da população africana e indígena.

Ao final de sua fala, agradeceu a Iyá Flávia por ser madrinha de sua filha e a oportunidade de se relacionar com outras mulheres negras, tinha muito valor para a formação de sua filha – uma criança negra – dentro e fora da religião. A questão das relações inter-raciais e de que forma elas influenciam os filhos na construção de suas identidades, sobretudo quando nascem negros pode ser explorada a partir de outros eventos dos quais participei, elencados como objetos de análise nesta pesquisa. O módulo III do Curso Dandaras, ministrado pela professora Daiane Santos, abordava pontos que contribuem em relação a cultura, corpo e identidades, entre outros aspectos. A professora explica em seu módulo as especificidades do corpo e do cabelo como símbolos da identidade negra, sendo o lugar da memória.

Além disso, a professora apresentou um manual de recomendações técnicas<sup>15</sup> para psicólogos, na abordagem das relações sociais, contribuindo também para outras questões relacionadas à branquitude, como o processo do escravismo até a estruturação do racismo; questões sobre o racismo institucional, interpessoal e pessoal; o Movimento Negro no Brasil, assim como, dentro da área da psicologia, o papel dos conselhos na luta antirracista e as contribuições teóricas da Psicologia nas Relações Raciais.

Outro paralelo a ser construído entre os eventos refere-se justamente ao espaço das pessoas brancas dentro de eventos focados em questões de temática africana e/ou mulheres negras. Diante da compreensão de Fabiane acerca do espaço do terreiro e o respeito a práticas e oralidades produzidas por uma dimensão diaspórica, em outros eventos ocorreram falas que desabonavam essa produção. No curso de Filosofia Africana, quando a filósofa Katiúscia expôs sobre a temática do módulo III, que abordava a temática da subjetividade e da ancestralidade e os caminhos para a reconstrução do ser africano, uma participante, mulher branca, questionou por que muitas vezes essas questões eram pautadas de forma agressiva, quando na verdade poderiam ser explicitadas através de uma comunicação não violenta.

Em seguida, outra participante, mulher negra, disse que discordava desse preceito de comunicação que tem sido pregado através da psicologia, pois seria uma forma ineficiente para pensar os diálogos de pessoas negras, visto que, na maioria das vezes, qualquer discurso de descontentamento frente ao racismo é lido

---

<sup>15</sup> O livro “Relações Raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas (os)” é um material de distribuição gratuita produzido pelo Conselho Federal de Psicologia no ano de 2017.

como violento por parte de pessoas brancas. Afirmou também que a comunicação não violenta é usada, muitas vezes, como forma de silenciar o indivíduo, de querer que, frente a uma situação de violência, ele aja pacificamente, ou nem aja, mantendo a velha e conhecida hierarquia de poder de quem tem passe livre para se expressar de qualquer forma, sem ser mal interpretado, perpetuando o esvaziamento, o apagamento e o silenciamento das vozes negras que denunciam as injustiças sociais. Nesse momento, instaurou-se um silêncio, a filósofa agradeceu a contribuição da participante mulher negra, ao passo que a participante mulher branca disse que não via a questão dessa forma, pois era uma estudiosa do tema e o que era pregado tinha uma perspectiva totalmente diferente. Para encerrar o ponto e o mal-estar, a filósofa seguiu expondo o conteúdo, para fosse apresentado de forma integral, visto que a discussão estava indo para temas outros.

Da mesma forma, no Ciclo de Debates, ocorreu situação similar, contudo com uma personagem diferente. No espaço para para fala, após a palestra de Fabiane sobre branquitude, um homem branco que também era pai de santo pediu a palavra para colocar sua opinião sobre o sujeito branco no terreiro. Em sua opinião e na sua vivência nunca teria sido racista, sendo criado com pessoas negras, afirmando nunca existir isso de tratar alguém diferente, pois seríamos todos iguais. As mulheres, em sua maioria, ficaram incomodadas com a fala e, entre olhares, demonstraram discordância, algumas balançando a cabeça em negativa. Iyá Flávia, da mesma forma como ocorreu no Curso de Filosofia, pediu para dar seguimento às próximas falas, também em função do tempo do evento.

A terceira fala das atividades foi a de uma das filhas de santo da Iyá Flávia, chamada Ana Claudia Moraes. Ao iniciar sua fala, Ana agradeceu aos presentes e prometeu não demorar muito em função das outras atividades que ocorreriam durante o ciclo de debate. sendo assim, procurou relacionar as práticas do terreiro como um saber ancestral, que deveria ser protegido e zelado.

**Figura 5** – Ana Claudia Moraes iniciando sua fala no evento sobre Ancestralidade



Fonte: a autora

Por definição, a palestrante descreveu ancestralidade como uma ligação de um povo com o seu passado, um vínculo de gerações anteriores com a presente, em sua totalidade, desde os signos até a sua tradição. Concluiu ainda que, para ela, a ancestralidade é um caminho de volta para si própria, uma forma de autoconhecimento, o qual permitiu que ela estivesse dentro de um terreiro, de modo que essa estrada foi percorrida com pessoas que abriram e permitiram esse caminho para ela. Nesse momento, Ana agradeceu a Iyá Flávia, demonstrando ser filha de santo dela, deu um abraço e posteriormente beijou sua mão, de forma emocionada.

**Figura 6** – Ana abraçando Iyá Flávia ao final de sua fala



Fonte: a autora

De forma similar, o que foi apresentado por Ana, no Ciclo de Debates, também foi discutido em dois dos demais eventos: Curso de Filosofia Africana e Curso Dandaras. No primeiro, a filósofa dedicou-se a tratar das subjetividades a partir de uma lógica que, segundo ela, não poderia ser explicada pelo racionalismo, mas pelo sistema cardiográfico e coronário, pelo coração, que, para a filosofia Kemética, é o verdadeiro órgão que possibilita o pensar, o escutar e o entender. Para ela, diferente do que o racionalismo cartesiano prega, os sentidos não nos enganam. Por essa lógica, a frase “penso, logo existo”, de René Descartes, cede espaço para “sinto, logo existo”, da filosofia africana. Ouvir o coração significa, de forma sistemática, ouvir a mente, por sua vez, ligada a uma experiência ancestral.

Segundo a filósofa Katiúscia, para compreender essa experiência, se faz necessário desprender-se da concepção do “eu colonizado”, uma forma de alienação absoluta que se constitui no apagamento da ancestralidade. Como referência citou os estudos sobre Fanon (2005) com relação à lógica de que foi o colono que fez e continua a fazer o colonizado. Logo, para transcender essa lógica, torna-se fundamental compreender a dialética do ser construída pelo colonizador, na qual o indivíduo sujeito acaba tornando-se o escravo-coisa. Entre as possibilidades de saída dessa lógica, muitos buscam pela aproximação da brancura como forma de buscar seu status de humanidade. Em contrapartida, a ancestralidade, a compreensão da identidade negra, ou da necrosubjetividade, é um espaço possível a ser percorrido, levando em consideração ainda o campo de disputa onde tudo que leva a palavra negro é cercado.

Já com relação ao que foi explanação no Curso Dandaras, acerca da ancestralidade, no módulo III, a professora Daiane Santos abordou as inovações ancestrais de mulheres negras, concebendo-as como táticas e políticas do cotidiano, como tecnologias que permitem a (re) existência da comunidade. O primeiro ponto desse artifício seria compreender o corpo e os traços como o primeiro ponto, visto que eles permitem lembrar que, para além do processo violento de apagamento e invisibilidade, outros corpos negros existiram anteriormente, em similar sistemática, e tiveram que forjar criatividade dentro de um espaço de violência para que outros corpos pudessem vir, na expectativa de uma sociedade melhor. O segundo ponto se refere-se à conexão desse corpo, entendida a partir da comunhão não apenas com seus antepassados, mas seus similares com quem compartilham a mesma época, compreendendo suas diferenças e divergências, mas contemplando suas

semelhanças e lutas em comum. Nesse sentido, abrindo espaço para entender sua história ou invisibilidade, cria-se um quebra-cabeça, que só poderá ser montado caso aceite-se que faltarão partes e que a história só pode ser reconstruída se suas lacunas forem aceitas, concebendo a ancestralidade como uma colcha de retalhos.

Voltando ao evento de Ciclo de Debates Meninas de Oyà, foco desta construção, Iyá Flávia convidou todos para almoçarem ao fim dos debates do turno da manhã, pedindo a todos para ficarem para o turno da tarde. Agradeceu a algumas pessoas por terem participado e colaborado com o evento, dentre eles os filhos da casa, aos que prepararam o almoço e demais atividades. Nesse momento, me chamou a atenção que, na movimentação de pessoas se dirigindo ao espaço onde foi servido o almoço, uma mulher jovem informou a Iyá Flávia que não poderia ficar para o almoço pois estava saindo para trabalhar e não poderia se atrasar para pegar o ônibus. Ainda assim, Iyá Flávia pediu para alguém trazer frutas para ela levar e respondeu: “Leva, então, umas frutas porque ninguém pode sair do terreiro de barriga vazia, sem levar nada”. O significado dessa frase mexeu muito comigo e sobre a qual discorro na análise do encontro.

Com relação à alimentação, foi composta de muitas frutas, saladas e um churrasco que tinha sido preparado anteriormente pelo companheiro de Iyá Flávia e outros. Como acompanhamento, em uma das mesas havia água saborizada com frutas, compondo um almoço com uma estética muito colorida e ao mesmo tempo uma comida tradicional do Rio Grande do Sul, especialmente nos domingos. Com relação a alguma ordenação para que cada um servisse sua refeição, tanto as pessoas que não frequentavam a casa quanto as palestrantes serviram-se em conjunto, sem qualquer organização de ordem implícita. Contudo, observei que ocorreu uma sincronia, de modo que os participantes de mais idade começaram a se servir primeiro, alguns filhos da casa organizaram os pratos para alimentar as crianças e os mais jovens foram no mesmo momento, posteriormente. Iyá Flávia foi uma das últimas a se servir e dizia para que todos ficassem à vontade, enquanto auxiliava na reposição de pratos e de alguns alimentos.

**Figura 7** – Mãe negrita da Lomba do Pinheiro (Porto Alegre) com o cocar de Pietra Dolamita no almoço



Fonte: a autora.

No momento de sentarmos à mesa, paralela ao buffet, uma das participantes comentou em tom bem-humorado que devíamos nos alimentar porque não se podia fazer revolução de barriga vazia. Enquanto alguns riam em concordância, recordei do horário de almoço do Curso de Filosofia Africana, no qual a filósofa Katuscia ao terminar os primeiros módulos da manhã e solicitar a pausa para o almoço, fez um comentário similar. Nesse evento, o almoço não foi disponibilizado, mas foi organizado de forma que alguns, como eu e outra colega que me acompanhou, levamos marmitas, assim como boa parte dos participantes, exceto aqueles que solicitaram almoço através de aplicativos. Alguns não conseguiram encomendar, seja por questão financeira ou pelo tempo, então alguns compartilharam o que tinham, assim como houve o compartilhamento de talheres, pois muitos esqueceram de levar. O momento de refeição em ambos os eventos, se comparados, mostravam uma comunhão, até mesmo nos pequenos detalhes, como compartilhar um talher, entre outras gentilezas percebidas.



**Figura 8** – Mesa do almoço e os participantes ao fundo



Fonte: a autora.

Essas gentilezas, como foram observadas, também podem ser percebidas como uma forma de afeto e cuidado entre as pessoas negras, em alguns momentos, mesmo quando alguém estava almoçando e decidia buscar um pouco de água saborizada, sempre perguntava se alguém da mesa também queria, na afirmativa da resposta, servia e levava até a mesa. Esse cuidado pode ser compreendido de forma teórica no Curso Dandaras, especificamente no módulo da professora Daiana Santos no qual apresentou alguns artigos que dissertavam sobre a população negra e a relação com a alimentação. Entre os textos<sup>16</sup>, alguns relatos apresentam a questão da insegurança alimentar, do fazer do alimento uma fonte de renda, mesmo quando era escasso, e outros relatos em que o terreiro se tornava um espaço de alimentar não apenas o orí, mas o corpo, pois muitas vezes os alimentos fornecidos nesses espaços alimentavam famílias, inclusive os usados em rituais, como frutas e carne.

---

<sup>16</sup> “Uma vó e suas receitas para alimentar sobrevivências” de Winnie Bueno; “Alessandra Ribeiro em primeira pessoa”; “Casa de Vultos” de Jackeline Romio, entre outros textos discutidos.

**Figura 9** – Águas saborizadas com frutas e ervas para acompanhar o almoço



Fonte: a autora.

No meio do almoço, Elisângela, a mulher que havia feito o convite para eu participar, apresentou-me a Iyá Flávia, a qual disse para eu me sentir em casa e demonstrou alegria por minha presença no ciclo de debates. Afirmou que muitas pessoas que ela acreditou que viriam acabaram não indo, mas que ficava feliz por quem veio e ela não esperava.

Iniciando o segundo turno do evento, Iyá Flávia apresentou-se novamente, dizendo que era Yalorixá da casa e que iria falar brevemente sobre pensar a bioética na tradição de matriz africana. Explicou então que a bioética se trata de um conceito traduzido como a ética da vida. Segundo a Enciclopédia da Bioética, o termo significa um estudo sistemático da conduta humana no âmbito das ciências da vida e da saúde, analisada à luz de valores e princípios morais.

Nesse sentido, pontuou a necessidade de pensarmos em uma afrobioética, tendo como premissa a vivência cultural e ritual da cultura afro-brasileira. Isso não significa, em suas palavras, limitar-se a um viés religioso, para a Iyá Flávia, essas reflexões deveriam ir além dos limites religiosos, universalizando ensinamentos. O exercício de se pensar uma afrobioética tornou-se um exercício similar ao realizado

no Curso de Filosofia Africana, no qual a filósofa convidou-nos a expandir a reflexão para as demais disciplinas, buscando pensar uma Sociologia pluriversa. Lembro, ainda,

que todas as culturas produzem uma Filosofia e que a pluriversalidade critica os preceitos da universidade, visto que reconhece o caráter local do conhecimento.

Dentro dessa perspectiva ética, a filósofa trouxe a concepção de Maat<sup>17</sup>, compreendida como a ideia central de Kemet, estabelecendo quarenta e dois conjuntos de orientações da deusa Maat, que traz a simbologia da justiça e da verdade. Fomos convidados a pensa-la sendo muito mais que ética ou filosofia moral, entendendo-a como o estudo do ser e como esse ser configura-se e reconfigura-se, não apenas para entender-se, mas também para pensar um reordenamento como um todo. A pena que Maat carrega em sua cabeça significa a leveza, a busca de um coração sereno, que seguia pelo peso da verdade – outra definição da pena de Maat – na qual o coração precisa obrigatoriamente ser mais leve que a pena. Para tal, deve ser ativada sua cosmosensação para tornar possível o pensar com o toque, com o coração, fazendo o que chamou de Geru Mã, um pensar sereno.

A bioética apresentada por Iyà Flávia conversa muito com essa lógica, inclusive porque é pautada em raízes africanas, buscando aliar a subjetividade e a ancestralidade como caminhos para a reconstrução do ser africano em diáspora. Tanto dentro de sua fala, como nos outros eventos dos quais participei esse ponto foi pautado de modos distintos. A perspectiva matriarcal de uma bioética também foi apresentada através do conceito de mulherismo no Brasil e a diferenciação do que é concebido no território africano, através dos escritos de Cleonara Hudson. De fato, há uma infinidade de formatos em que a bioética ou Maat pode ser repensada, contendo muito mais pontos em comum do que a lógica empregada pela ética tradicional.

---

<sup>17</sup> Maa significa o real ou a realidade, enquanto o termo Maat remonta ao matriarcal. Dentro desse conceito, Achanti define Maat como uma nova proposta de sistema global.

**Figura 10** – Iyá Flávia apresentando sua pesquisa sobre bioética



Fonte: a autora.

Após sua apresentação, foi aberto espaço para colocações dos participantes, no qual o palestrante Sangoleke (chamado de Mário pela Iyá Flávia) lembrou que o ethos africano já é bioético, pois respeita toda a vida, estando em harmonia como as leis da natureza, priorizando toda a vida humana e toda forma de existência. Afirmou que para pensarmos uma bioética, aqueles que criaram uma ciência não humana não construiriam uma solução.

Dando seguimento às atividades do dia, Mãe Negrita se apresentou, dizendo ser da Lomba do Pinheiro, região de Porto Alegre, agradecendo o convite para estar ali e a todas as pessoas presentes. De antemão, falou que não poderia ficar até o final em função de estar dependendo de uma carona para ir embora. Ao apresentar seu trabalho, explicou que ele era fruto de seu pós-doutorado, referindo-se a esse estágio de estudo como mais uma etapa criada pela academia para medir nossas capacidades, mas que mesmo concluindo, não conseguimos ocupar os mesmos espaços. Em suas palavras: “a gente faz graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, mas parece que nunca é o suficiente”.

**Figura 11** – Mãe Negrita (Eliane Almeida de Souza) falando sobre seu livro



Fonte: a autora

Ao ser aprovada para fazer o pós-doutorado na Universidade Federal de Rio Grande (FURG), conversou com seu orientador sobre sua vivência nos terreiros, com a ideia de pensar algum projeto no qual pudesse aplicar algo em que já tivesse algum domínio. Após colocar suas ideias, seu orientador disse-lhe que ela não tinha motivos para se preocupar pois já possuía um projeto pronto, que sua vivência já era por si um conhecimento que deveria ser compartilhado, fato que a deixou contente. Em função disso, afirmou que seu trabalho não era algo individual, era coletivo, que não foi escrito de forma solitária, mas com todas as Yalorixás entrevistadas para compor seu livro, entre elas a Iyá Flávia. Agradeceu também a uma mulher branca que estava na plateia por ter ajudado na confecção do livro e disse que era uma honra poder fazer a inauguração da obra dentro de um terreiro.

Sua fala também passou por uma questão importante para ela, a violência contra os terreiros no Rio Grande do Sul, nos quais muitas vezes, após denúncias, a polícia chegava sem perguntar nada, causando uma situação de violência injustificada. Iyá Flávia aproveitou para fazer uma intervenção, informando que tinham convidado um advogado para participar do evento, no entanto ele não pode comparecer, porém a ideia era de que ele pudesse contribuir para tirar dúvidas de como proceder nesse tipo de abordagem.

O fato de percurso acadêmico parecer sempre insuficiente e as formas de proceder frente à violência, a partir do respaldo jurídico, também foram abordados

dentro do curso de Promoção de Lideranças, promovido pela professora Ingrid. Como o curso foi realizado de forma online não cheguei a conhecer a organizadora de modo presencial, mas ela foi indicada por vários colegas como uma das lideranças negras do Sul do Estado, tendo um Ponto de Cultura Africana na Praia do Cassino, além de promover atividades lúdicas sobre a temática afro-brasileira em diversas escolas da cidade. Em nosso primeiro contato, ao conversarmos e eu explicar que estava realizando uma pesquisa sobre o ativismo intelectual de mulheres negras, ela perguntou o que poderia me ensinar, já que eu estava no doutorado. Essa percepção de que eu poderia saber mais ou que não poderia aprender com ela está calcada na lógica de que o conhecimento das universidades, sobretudo na Pós-Graduação se sobressai a outros conhecimentos, ponto explorado na análise. Similar à percepção de Mãe Negrita, para a professora Ingrid, ser uma mulher negra com ensino superior, com um espaço de promoção de atividades para a população negra e com anos de experiência na área, também não parecia ser suficiente.

Outro ponto abordado por Mãe Negrita foi sua preocupação com as crianças, sobretudo as que são fruto de relacionamentos inter-raciais, pois acredita que elas muitas vezes teriam maior dificuldade em perceberem-se negras, acabando por sofrer racismo, não sabendo lidar com a situação ou acabando desligadas de algum aspecto muito importante de suas identidades. Tal questão também foi abordada no primeiro módulo do Curso Dandaras, o qual apresentou marcos legais das políticas de enfrentamento ao racismo, saúde e educação. A questão identitária da população negra foi concebida como um elemento determinante da diferença, se constituindo como um dos pontos de partida dos movimentos sociais frente a proposta de homogeneização da população. Nesse sentido, o módulo I apontou como os marcos legais e as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que instituíram a inserção da História e Cultura Africana e Afro-brasileira e respectivamente a História e Cultura Indígena Brasileira no currículo escolar, permitindo que a preocupação de Mãe Negrita, referente ao apagamento da identidade de crianças inter-raciais, possa ser discutida, a depender também do empenho de educadores e educadoras nesse processo.

**Figura 12 – Iyá Flávia autografando o livro**



Fonte: a autora

Ao fim de sua fala, ela informou a quem quisesse comprar seu livro, que estaria cobrando um valor menor em função do evento, mesmo tendo poucos exemplares. Quando mostrou a capa do livro, explicou que o desenho era fruto de uma foto realizada no quintal de casa, na Lomba do Pinheiro, feita pelo seu marido. Com relação à pedagogia cosmocena e à afrocentricidade, temas de seu livro, a autora explicou que o primeiro conceito se refere à postulação de Vilmar Pereira Alves (2016), professor e pesquisador, que define a ecologia cosmocena através de oito teses para uma pedagogia de mesma base. Essa lógica é pautada nos estudos e fundamentos da Educação Ambiental, compreendendo a ecologia como uma alternativa à lógica antropocena, definida pelo tempo e pelo espaço geológico caracterizado pelo impacto do homem na terra, na relação entre os demais, com seres vivos e não vivos.

Dessas teses da pedagogia cosmocena, Mãe Negrita destacou a relação entre natureza e humanidade, a qual, segundo a ecologia cosmocena, deveria passar por um processo de reeducação, especificamente por parte da humanidade, que passaria a compreender o cosmos de uma forma mais abrangente, levando em consideração outras cosmovisões, a indígena, a africana, a afro-brasileira, entre outras. Na perspectiva trazida pela Mãe Negrita – de afrocentricidade dos terreiros –

tal tese se desenvolveria com um olhar sobre as especificidades desse espaço no cosmo, com definições diferentes do que vem a ser pai ou mãe, por exemplo, visto que no terreiro os laços de paternidade não se dão de forma consanguínea, mas pelo orientador religioso.

A segunda tese abordada pela autora refere-se ao processo de não seguir a lógica do tempo atual, na qual todos os processos têm de ser realizados da forma mais rápida possível, havendo um horário comercial, momentos específicos para comer, dormir e que a lógica de aprendizagem leva todos a serem nivelados da mesma forma, no processo de aprendizagem, através da idade. Para a pedagogia cosmocena, se faz necessário primeiro ter como referenciais os próprios ancestrais, respeitando sempre o tempo de cada indivíduo.

A terceira tese aborda a sintonia com novos saberes, que, segundo Mãe Negrita, tem nada de novo, visto que sempre estiveram dentro da sociedade, mas, em função do racismo religioso, foram invisibilizados, apagados, de modo que os povos de terreiros foram responsáveis por manter e repassar todo esse conhecimento. Para além dessa metodologia de preservação dos saberes tradicionais, falou de como importa a união e a luta através de legislações fizessem-no sentido de fazer valer esses direitos.

A quarta tese define-se como a aprendizagem do cuidado, buscando quebrar a lógica do consumo desenfreado, o qual conseqüentemente tem resultado em catástrofes ambientais, impactos negativos na saúde da população, agravo dos casos de violência, entre outros fatores. A partir da lógica do cuidado operada pelas religiões de matriz africana, muitos desses problemas que assolam a sociedade poderiam ser revertidos, se observados os preceitos que levam em consideração todos os aspectos da existência, que deve ocorrer em alinhamento com a natureza e seus limites, compreendendo os indivíduos em suas totalidades, são diversas em função da espiritualidade e da ancestralidade que os acompanham.

A quinta tese da ecologia cosmocena trata da descolonização do mundo da vida, o que, em termos pedagógicos e afrocentrados, tem sido um embate dos terreiros, que, por si só, constituem-se enquanto espaço atemporal de saberes e práticas descolonizadoras, desestabilizando a hegemonia eurocentrada. Contudo, como apontou em sua pesquisa, Mãe Negrita observou muitas dores por parte dos religiosos que entrevistou, dores atribuídas à demanda de esforço dos povos tradicionais para viverem em um país que concentra a maior população negra fora



do continente africano, confrontando os diversos sistemas de exclusão construídos através do racismo estrutural. Com relação a esse preceito, no curso de Filosofia Africana a filósofa Katiúscia Ribeiro, que se afirmou como mulher de axé, tratou da mesma questão.

A sexta tese referia-se à diversidade e ao aprendizado a partir das diferenças, as quais deveriam se tornar ponto de partida para efetivação de políticas de ações afirmativas, entre as quais Mãe Negrita destaca as cotas raciais, que, segundo ela, não resolvem a questão de forma integral, mas são um caminho para a resolução a longo prazo. Ainda assim, salientou as dificuldades em manter tal política, haja vista os constantes ataques e questionamentos, falando sobre os desafios institucionais e de como uma pedagogia que considere os valores civilizatórios das comunidades tradicionais é importante.

A sétima tese abordou a aprendizagem transcendental, na qual se tem os indivíduos como corpos com múltiplas dimensões, a destacar: a biológica, a psicológica, a social, a ambiental e a espiritual. Mãe Negrita explica que, ao mesmo tempo que é mãe, também é filha, avó, esposa, Yalorixá, entre outras que a constitui, atribuindo a essa lógica o conceito de biopsicossocioambiespiritualidade. Nesse sentido, explicou que a aprendizagem transcendental permite inclusive encontrar com raízes negras e ancestráticas que só são visíveis quando nos permitimos compreender as diferenças. Em sua pesquisa, exemplificou como um dos achados, através dos relatos de Pai Márcio de Xapanã, a descoberta sobre a vida do povo de Oyó para o Sul do Brasil.

Por fim, a última tese refere-se à aprendizagem do ambiente inteiro, através do qual a ecologia cosmocena torna-se um instrumento que permite olhar as relações dos seres com o universo de forma integral. Tal postura permite maior e melhor acolhimento para os povos tradicionais, com respeito às suas práticas, permitindo que sejam possibilidade de cura. Mãe Negrita finalizou sua fala agradecendo as experiências que teve durante sua pesquisa, entre elas a descoberta do nascedouro da raiz da Nação Oyó e uma exposição que participou na FURG, de 13 Yalorixás da cidade de Rio Grande.

**Figura 13** – Eu segurando o livro autografado por Mãe Negrita (a esquerda) e Iyá Flávia (a direita)



Fonte: a autora.

Para dar seguimento à atividade, Iyá Flávia informou que haveria atividades de dança circular acontecendo simultaneamente com a sessão de autógrafos do livro, sendo assim, apresentou Gisele, responsável pelas próximas atividades.

No que tange ao contexto da representação de lansã no evento, desenvolveu-se quando Gisele se apresentou de modo que alguns demonstraram já conhecê-la. Aos poucos explicou sobre sua trajetória como mulher negra, seu trabalho desenvolvido em espaço terapêutico holístico e iniciou uma intervenção na qual solicitou para todos fazerem uma grande roda, alguns preferiram ficar apenas assistindo do lado de fora. Posteriormente colocou no centro da roda um tecido branco com as extremidades em formatos de pessoas de mãos dadas, segurando um coração, cada qual de uma cor. Sobre o tecido, colocou dois baralhos, um vidro de óleo essencial de lavanda e uma abayomi.

**Figura 14** – Centro da roda circular com decoração cartas de tarot e o óleo de lavanda



Fonte: a autora.

Logo em seguida, abriu o vidro de óleo, passou em suas mãos e inalou, depois passou pela roda e pediu que cada um fizesse o mesmo. Ao chegar minha vez pude sentir que era um óleo de lavanda, comumente usado em sessões de terapias holísticas, em função da sensação de relaxamento que ele causa. Após todos passarem o óleo, a participante seguiu explicando que a dança circular é uma arte milenar que conecta as pessoas e que iria nos ensinar alguns passos. Antes de começar, disse que deveríamos nos abraçar dentro da roda e que agora daríamos um beijo, de modo que todos da roda fossem beijados. Então, começando por ela, cada um foi beijando o rosto da pessoa que estava do lado direito até chegar nela novamente, momento em que a sequência foi finalizada, fechando assim o círculo. Esse momento foi carregado de um significado ancestral, visto que tanto a dança circular, como o ato de todos estarem em roda, dando um beijo fraterno, está impresso nos ritos de muitas atividades africanas, definindo o círculo não apenas como forma de dispor corpos, mas como união e religamento. Brincadeiras lúdicas africanas e até o “samba de roda” carregam esse movimento ancestral (SOUZA, 2017).

Na segunda etapa, a participante distribuiu as cartas que estavam no círculo entre os participantes e solicitou que cada um falasse qual carta tirou e que comentasse algum sentido relacional de afinidade observado na tiragem. Um dos baralhos traziam diversos orixás de matriz africana, no outro, palavras com algum

significado. Aos poucos as pessoas foram falando quais eram suas cartas, inclusive as crianças, alguns diziam que tinha tirado, por exemplo, Iemanjá, e explicavam que eram filhos de santo dela, ou de outro orixá que tivessem tirado. Outros, ao tirarem determinado orixá, explicando como estavam se sentindo naquele dia, relacionando com a característica daquele orixá, como exemplo, uma das mulheres da roda a tirar os Ibejis (os orixás crianças) explicou que naquele dia estava “*muito serelepe*”, sentindo-se “*moleca*”, entendendo “*que estava acompanhada daquela energia do orixá*”. A atividade solicitava que os participantes observassem a relação ancestral de suas vidas com os *itans* dos orixás africanos.

**Figura 15:** Compreendendo os significados das cartas tiradas no tarot dos orixás



Fonte: a autora.

Dando início à segunda parte da dinâmica, a participante colocou uma música do orixá Iansã, para, segundo ela, “despertar a energia de força desse orixá nos participantes do círculo”, informando que o outro motivo por ter escolhido a música era por ser filha de Iansã. Aos poucos foi nos ensinando passos lentos, mas feitos de forma vibrante e coletiva, de modo que ainda que a maioria fosse desconhecida na roda, acabavam trocando olhares, sorrindo, tocando uns aos outros e movimentando-se como se todos fizessem parte do mesmo movimento.

**Figura 16 – Movimentos da dança circular**



Fonte: a autora.

Outro ponto da atividade bastante significativo foi quando a participante pediu ajuda de uma das crianças da roda para cantar a música dos “Guerreiros Nagô”, explicou também que todos, de mãos dadas, deveriam saltar e girar, no momento em que a música pedisse. A música foi ressignificada, a maioria dos participantes conheciam como: “Escravos de Jó/ Jogavam caxangá/ Escravos de Jó/ Jogavam caxangá/ Tira, bota, deixa zambelê ficar/ Guerreiros com guerreiros fazem zigue, zigue, zá (2x)”. No entanto, a versão ensinada no evento divergia em alguns elementos:

Guerreiros Nagô  
 Jogavam Caxangá  
 Guerreiras Nagô  
 Jogavam Caxangá  
 Salta, gira!  
 Deixa ficar  
 Guerreiros com guerreiras  
 Fazem zigue, zigue, zá!

Uma explicação apresentada no ciclo por uma das participantes argumentava sobre a música ter sido utilizada como estratégia de fuga para que os indivíduos escravizados conseguissem distrair o capitão do mato e um deles, nomeado como “zabelê”, deveria fugir. Ao pesquisar sobre o significado da canção, De Castro

(2014) explica que Jó não se refere ao personagem bíblico, mas à “forma substantiva do termo kimbundu “njo” ou “jinjo” que quer dizer casa e o conjunto dos seus moradores, enquanto jambelê ou zambelê é “o escravizado de um tutor” (DE CASTRO, 2014, p.06). Com relação ao termo caxangá, este pode ser definido com um jogo de tabuleiro popularmente utilizado no continente africano. É dentro dessas relações diaspóricas que compreendemos não só a questão racial pela qual a música é permeada, como sua ressignificação, inserindo o termo “guerreiras” ao lado de “guerreiros”. A atualização não remete a uma inclusão de gênero, como no contexto atual, sendo a naturalização da forma africana, na qual mulheres também faziam parte do exército.

Ao final da atividade, o encerramento ocorreu com agradecimentos e com uma última dança, envolvida por outros passos e com a música intitulada “Maior”, dos cantores Dani Black e Milton Nascimento, com a seguinte letra:

Eu sou maior do que era antes  
 E sou melhor do que era ontem  
 Eu sou filho do mistério e do silêncio  
 Somente o tempo vai me revelar quem sou  
 As cores mudam  
 As mudas crescem  
 Quando se desnudam  
 Quando não se esquecem  
 daquelas dores que deixamos para trás  
 Sem saber que aquele choro valia ouro  
 Estamos existindo entre mistérios e silêncios  
 Evoluindo a cada lua, a cada sol  
 Se era certo ou se errei  
 Se sou súdito, se sou rei  
 Somente atento à voz do tempo saberei

A finalização foi seguida de aplausos e de alguns comentários sobre esta ser “a pedagogia cosmocena do terreiro”, a qual posteriormente foi discutida por outra convidada do evento, como a forma de ensinar e aprender, através dos fundamentos filosóficos da cosmovisão africana (SOUZA, 2019, p. 139). Através dessa pedagogia, observam-se os valores e os costumes, além de seu sentido integral, o qual vem sendo diluído, ressignificado com o passar do tempo, buscando formas de olhar a ancestralidade como um mapa que guia e mostra os caminhos pelos quais uma visão de mundo pode coexistir com outra.

A musicalidade preencheu todo o evento, mas nessa parte específica tornou-se método de pedagogia antirracista, não somente pelas letras, mas pelas danças e pelos corpos negros que se movimentavam em estado de alegria e animação. O

momento foi similar ao ocorrido na formatura do Curso Dandaras que ocorreu no espaço da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no qual todas as formandas levantaram-se enquanto o ritual acontecia. Além da emoção, um dos momentos marcantes foi o ritual ter-se realizado com todos descalços e vestidos de branco, o que transformou o grupo em um grande clarão dentro do ambiente escuro.

**Figura 17** – Momento de dança na formatura do Curso Dandaras.



Fonte: a autora

Após o término da canção, as atividades foram encerradas, de modo que a Gisele agradeceu a participação de todos e todas e em seguida a Iyá Carla chamou Pietra Dolamita para fazer uma fala. A mulher indígena se apresentou dizendo que seu nome em sua tribo era Kuawá Apurinã, mas que poderiam chamá-la de Pietra. Começou seu discurso agradecendo a oportunidade de estar naquele chão sagrado em que pisavam mulheres brancas, indígenas e negras. Afirmou que no momento que estávamos vivendo a união era importante para podermos derrubar um inimigo maior, um inimigo político, pois via, no cenário político, a vitória do mal e o extermínio de pessoas negras e indígenas.

**Figura 18** – Pietra Dolamita fazendo sua fala no terreiro



Fonte: a autora.

Pietra também revelou que teve um sonho em noites anteriores, mas que não tinha conseguido revelar, até que ao assistir a palestra sobre Èsú, percebeu que a foto da entidade era a mesma que apareceu em seu sonho. Nele, ela via o líder da nossa nação em uma cama, deitado, quando, no meio da noite, Èsú entrava em seu quarto e lhe dava um susto, de modo que o homem falecia. Interessante pontuar que o evento ocorreu em 2019 e, posterior a ele, especificamente em 31 de dezembro, a Organização Mundial de Saúde (OMS) começou a relatar os casos de COVID-19, fazendo com que boa parte da população indígena e negra, não somente pelo agravo da pandemia, mas por falhas sistemáticas do planejamento para compra de vacinas e políticas efetivas, tendo em vista que o presidente Jair Bolsonaro, na época, estimulava movimentos antivacina, fazendo campanha para medicamentos sem eficácia.

Ao fim de sua fala, Pietra agradeceu a todos pelo espaço, pediu que tivéssemos fé na nossa ancestralidade, afirmando ter vindo pintada e que cada pintura em seu braço significava um animal, que a natureza também estava do nosso lado, nos protegendo. Ao final de sua fala, Iyá Flávia agradeceu e também



pediu desculpa pelo curto tempo, em função das outras atividades. Aproveitou para convidar todos a um café, em seguida teríamos a próxima fala, com Marina.

A próxima a fazer uma fala no evento foi Marina, que falou ter se iniciado recentemente na religião, apesar de sua idade, pois cresceu ouvindo muitos comentários ruins acerca da Umbanda e do Candomblé, e que com o tempo foi se compreendendo como mulher negra e como parte desse processo e acabou entrando para a religião.

**Figura 19** - Marina fazendo sua fala no evento



Fonte: a autora.

Falou também da importância da educação no terreiro, pois esta não significava aprender apenas sobre rituais, mas sobre toda a cultura afro-brasileira. Como professora, ela percebia como os alunos tinham dificuldades em ter acesso a esse conhecimento, alunos brancos e negros. Contando um pouco de sua experiência profissional na escola, explicou que um dia encontrou alunos fazendo *bullying* com um menino negro, chamando-o de “saravá”. Perguntou se as crianças sabiam o significado daquela palavra, como afirmaram não saber, explicou: “Significa bem-vindo, é isso que vocês estão dizendo para ele: seja bem-vindo”. A mesma questão foi abordada no curso de Promoção de Lideranças Negras, realizado pela professora Ingrid, que explicou suas diversas estratégias para divulgar,

dentro das escolas, a cultura negra, de forma a educar os alunos sobre termos utilizados e histórias, em atividades como hora do conto. Ingrid criou uma personagem chamada Fada Pretinha e, como tal, realiza apresentações para alunos da Educação Infantil, conforme a Figura 20.

**Figura 20** – Professora Ingrid como Fada Pretinha, para apresentação escolar, em 2020



Fonte: a autora.

Tanto o ato de Marina, educando os alunos frente a uma expressão de origem banto, quanto as apresentações de Ingrid, nas escolas, mostraram os caminhos pelos quais as mulheres negras buscam reconstruir a cultura afro-brasileira, com uma perspectiva livre de racismo. Marina, ao fim de sua fala, pontuou como desenvolveu projetos escolares para a semana da consciência negra na escola, dizendo que, na primeira vez que conversou com outros professores e com a diretora, ouviu que não havia necessidade, em função do baixo número de alunos negros na escola. Teve que explicar que educar crianças antirracistas é fundamental e que as atividades tinham intuito de conscientizar não somente as crianças negras, mas sobretudo as crianças brancas.

Antes de iniciar a próxima atividade, Iyá Flávia perguntou se alguém queria acrescentar algo, e algumas mulheres negras comentaram um pouco sobre sua experiência como professoras. Uma delas acrescentou que percebia como ficava sobrecarregada na semana da consciência negra, pois todas as atividades acabavam sendo realizadas apenas por ela, de modo que outros professores não se

sentiam interessados em auxiliar ou participar. Relato similar ocorreu por parte da professora Ingrid no Curso de Promoção de Lideranças Negras, no qual abordou a extensa carga que atividades que realiza, de modo que muitas eram sem fins lucrativos, entre elas mentorias, apresentações teatrais, palestras, cursos e atividades de aperfeiçoamento. No curso de Filosofia Africana, Katiúscia também relatou sua jornada entre realizar pesquisas – e custear viagens, entre elas para museus nos Estados Unidos e Egito, assim como pelos estados brasileiros – dar aula, concluir o doutorado, ministrar palestras, cursos e poder praticar sua fé, ter seus momentos de individualidade. Citou ainda a importância das pessoas que estavam gerenciando o curso, organizando inscrições, local, alimentação, contato com interessados, sem as quais estaria completamente sobrecarregada.

Dando seguimento às atividades do ciclo de debates, Patrícia foi convidada a fazer sua fala, a apresentação de um poema de sua autoria. Nele expressou como a mulher era vista na sociedade, afirmando que éramos “mais que uma bunda”, momento em que algumas mulheres gritaram e aplaudiram. Falou também sobre a força da mulher e os preconceitos de gênero que acometiam a todos. Ao fim da sua leitura foi aplaudida por todos os presentes.

**Figura 21** – Patricia lendo seu poema no evento



Fonte: a autora.

Posteriormente, procurei Patricia em suas redes sociais e expliquei a ela que tinha participado do evento e que gostaria de compartilhar sua produção em minha

tese de doutorado. A autora se mostrou feliz em poder contribuir e concordou com a divulgação do de seu poema:

A mulher preta chegou no Brasil trabalhando com as irmãs  
 Não precisou queimar sutiã, ser chamada de vadia  
 Ter o corpo objetificado é um estigma  
 Nossa luta não é de hoje em dia,  
 Meu corpo aqui ou lá fora é símbolo sexual  
 E todos tratam isso como algo natural  
 Eu só quero mudar isso, me responde uma pergunta?  
 Porque as mulheres brancas são reconhecidas pelos seus méritos,  
 E para levar algum crédito,  
 Eu tenho que mostra a bunda?  
 Eu não quero que toquem no meu cabelo,  
 Ser gostosa não é um elogio  
 Eu sou linda, eu já estou sabendo  
 Eu quero ser aplaudida vestida  
 Abrir a boca e ser ouvida  
 Quero mostrar meu conhecimento  
 Que não está só em meus quadris, o meu talento  
 Porque rebolar é ginga bamba, e mulher preta não é só samba  
 Mas espera, espera que eu chego lá  
 Só porque tu é homem  
 Não quer dizer que tu tenha que andar na frente  
 Eu te alcanço e corro do teu lado  
 Buscando espaço pra gente

Atividades artísticas, como a produção poética de Patrícia, segundo a professora Ingrid, em seu curso de Promoção de Lideranças Negras, são fortemente incentivadas, tendo em vista que se configuram como exercícios de resistência e formas de repensar a nossa realidade enquanto pessoas negras. Entre as atividades que busca desenvolver no seu Centro de Cultura, levando-as fora dele também, estão os saraus de poesias, que, segundo a professora, proporcionam um retorno significativo, quando desenvolvido nas escolas. A arte também se manifestou no curso Dandaras, no módulo IV, da professora Winnie Bueno, foi apresentando um material sobre reflexões e práticas de transformações feministas de mulheres negras reunidas, configurando-se como uma cultura contra-hegemônica. Nessa composição, foram discutidos, em fórum aberto, entre as participantes alguns elementos que acabam por dar identidade ao movimento, relacionando-se com diferentes públicos das cidades. Entre as atividades foram citadas as batucadas realizadas por mulheres que se apresentam em eventos feministas, entre eles a Marcha Mundial de Mulheres, que ocorre em todo o país. Outras atividades citadas

foram a Fuzarca Feminista<sup>18</sup> e Sessões de Cinema no Quintal, pontuando a importância da cultura como meio de reflexão e formação da sociedade, com a ressalva de que os escassos recursos que vêm de iniciativas públicas impedem que um número maior de pessoas possa participar das iniciativas.

A penúltima fala do dia foi da Iyá Carla, que fez um apanhando de questões importantes, abordando o machismo em primeiro lugar. Aproveitando o poema lido, comentou sobre a maternidade e a criação de seus dois filhos, homens negros. A princípio acreditava que não criava eles para se tornarem homens machistas, até que o dia um deles foi viajar e, ao ligar para saber se ele estava se comportando, foi informada de que ele “não lavava a própria louça, estava muito acomodado”. Foi nesse ponto que Iyá Carla começou a refletir sobre como poderia estar colaborando para que o filho tivesse atitudes machistas, percebendo que, muitas vezes, ainda que fosse um ato de cuidado e carinho, acabava sobrecarregada, lavando a louça de todo mundo, juntando as roupas pelo caminho, sem delegar essas atividades aos filhos.

**Figura 22** –Iyá Carla trazendo suas reflexões para o debate



Fonte: a autora.

---

<sup>18</sup> Coletivo composto por mulheres que realizam a batucada da Marcha Mundial de Mulheres em São Paulo.

Outro ponto levantado por Iyá Carla refe-se a como criar os filhos dentro da religião, questionando o porquê de as mães de religião afro-brasileira acharem que os filhos devem crescer para depois decidirem se querem fazer parte do terreiro, ao contrário de mães católicas ou evangélicas, que, logo que os filhos nascem os batizam sem se preocuparem com isso. Falou que, assim que soube que estava grávida, preparou o axé dos dois filhos. Afirmou ainda que todas as mães deveriam fazer o mesmo, pois o terreiro não é somente sobre religião, mas sobre a cultura deles.

Acerca das relações familiares e o papel das mulheres, algumas mulheres do evento comentaram, após a fala de Iyá Carla, o quanto era difícil acertar quando o quesito era a criação dos filhos. Outra participante comentou que sabia o quanto tinha de responsabilidade no papel da criação e formação dos filhos, pois era a pessoa que passava maior tempo com ele, diferente do pai. Mas também via a dificuldade nesse sentido, pois ser mãe em tempo integral não era seu único papel, pois trabalhava em casa, tinha as obrigações com a religião e outras tarefas, sentindo, por vezes, sobrecarregada e com a sensação de que dificilmente sobrava tempo para si.

A questão da maternidade e de relações de gênero foi abordada de forma similar no curso Dandaras, sobretudo no que se refere à construção de mulheres imposta pela sociedade, através de diversos mecanismos, entre eles imagens de controle, na cultura. Como exemplo foram citados diversos filmes em que mulheres solteiras e/ou sem filhos são colocadas como personagens infelizes, de modo que geralmente são relegadas ao papel de vilã, se abdicam do papel de mãe ou esposa, assim como quando tentam conciliar vida profissional com os demais papéis impostos pelo patriarcado, ao passo que a mulher que se dedica exclusivamente à família, geralmente é apresentada como uma mulher estável, confiável, equilibrada e realizada. Uma interessante oposição ao papel da mulher na sociedade ocidental apareceu no Curso de Filosofia Africana, em que a filósofa Katiúscia Ribeiro apresentou algumas sociedades do continente africano em que não são as mães as responsáveis pelos cuidados com os filhos, em algumas são os pais ou as tias (por parte do pai) que tem esse papel, lembrando comunidades que operam por uma lógica matriarcal de sociedade.

A última fala da noite, no Ciclo de Debates, foi da Patrícia, enfermeira na Prefeitura do Rio Grande. Patrícia, no exercício da profissão, ouvia recorrentemente

a frase “sou assim porque sou filho de um determinado orixá”, por parte de pessoas de religiões de matriz africana. Considerou importante trazer a questão para o debate, afirmando ser filho de um orixá influencia nossas vidas, mas que não se pode pensar que cultuá-lo implica em tirar de si a responsabilidade sobre as próprias atitudes.

**Figura 23** – Patrícia falando sobre saúde mental ao lado de Pietra e de Iyá Carla



Fonte: a autora.

A palestrante também falou sobre a importância do autocuidado, de percebermos em que momento devemos procurar ajuda, além do terreiro, sem descartar outras práticas. Nesse momento, Iyá Flávia fez uma intervenção, lembrando que muitas vezes os próprios orixás orientam seus filhos a buscar ajuda psicológica ou algum médico específico, de forma que ter fé não implica em não cuidar da saúde, mas sobretudo escutar os alertas feitos pela própria espiritualidade. A palestrante Pietra Dolamita também realizou um comentário, trazendo sua experiência na aldeia, onde os saberes tradicionais são respeitados, mas que, da mesma forma, não substituem os cuidados médicos, as obrigações de vacina e outras questões de saúde pública.

Por fim, o evento foi encerrado por volta das 20h, momento em que Iyá Flávia agradeceu a participação de todos, sobretudo os que ficaram até o final. Aos poucos, as mulheres foram se abraçando e se despedindo, falando que gostariam

de participar novamente. Algumas pessoas da organização comentaram sobre pessoas que não compareceriam por acharem que poderia ser um evento para discutir questões da religião, mas que, por fim acabaram “vindo porque tinham que vir”.

Passo à análise dos dados produzidos, através da etnografia, poderá fim de responder questões e objetivos desta tese.



#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

Na construção dos caminhos do ativismo intelectual de mulheres negras no Rio Grande do Sul, a etnografia como método proporcionou conectar múltiplos saberes, permitindo olhar para diversos aspectos do campo, entre eles a fala, os alimentos e as leituras de demais elementos. Como forma de entender os resultados, a escolha de uma ferramenta para análise se tornou importante para a seleção dos elementos que compõem esse ativismo, tendo em vista o grande número de recordações e questões pertinentes e marcantes.

A escolha pela análise de conjuntura se deu através de sua apresentação dentro do curso Dandaras, no qual tal metodologia foi apresentada como uma oportunidade de compreender e analisar cenários, sobretudo no que diz respeito a questões de movimentos sociais. Ao estudar sobre o método, percebi a possibilidade de construção de cenários que respondem as questões desta investigação. Isso porque inicialmente são observados os sistemas em que as atividades promovidas por mulheres negras são desenvolvidas, compreendendo especificamente: o sistema externo, que se refere á análise retrospectiva, ou seja, os acontecimentos e marcos históricos que desencadearam os cursos de formação no Sul do Brasil; o sistema interno, composto pela análise prospectiva das iniciativas selecionadas, levando em consideração a conjuntura atual que mobilizou tais iniciativas por parte dos movimentos de mulheres negras; por último, as soluções externas, que envolvem interações corretivas e curvas de futuro, não se tratando especificamente de previsões, mas da identificação de possíveis tendências. .

Segundo Emílio Gennari (2015), para a construção de análises de conjuntura, não basta apenas atenção a leituras e demais noticiários, faz-se necessário que se identifique atores e atrizes sociais, quais são as demandas desses grupos e seus interesses. De qualquer forma, para além da pesquisa antropológica, fazemos análise de conjuntura constantemente em nossa rotina diária, seja para construção de relacionamentos (verificando se existe compatibilidade) ou para simplesmente sair de casa (definindo a roupa em função do clima, o meio de transporte, dependendo da distância), o fato é que a maioria das decisões ao longo de nossas atividades são avaliadas conforme nossas demandas particulares ou interesses coletivos. Para tais, existem algumas etapas as quais, conforme a definição de Gennari (2015) e Hebert Souza (1986), junto de minha interpretação dos dados

produzidos, busquei sistematizar, conforme o Quadro 2, que relaciona a conjuntura (primeira coluna) com seus retornos (segunda coluna).

**Quadro 2 – Conjuntura dos cursos de formação promovidos por mulheres negras no RS**

<b>Esquema conjuntural</b>	<b>Informações obtidas no campo</b>
Informações prévias	No ano de 2018 especificamente, foi observado um intenso fluxo de eventos e cursos por coletivos e movimentos sociais, sobretudo mobilizados em função das eleições presidenciais.
Busca por mais informações	Entre o movimento de mulheres negras foi observado diversas articulações, dentro de múltiplos espaços, entre eles universidades, escolas, territórios tradicionais, partidos políticos, coletivos apartidários, entre outros.
Avaliação das possibilidades	Dentre as diversas possibilidades de investigação, foram selecionados alguns eventos, a partir de dois critérios: os que não eram motivados por questões partidárias e que não ocorressem em espaço presencial de universidades, pensando na possibilidade de maior liberdade e diversidade de discursos sem a preocupação de estarem em desacordo com normativas acadêmicas ou com alinhamento de discursos partidários.
Hipóteses do desenvolvimento dos fatos	As mulheres negras buscaram reforçar suas articulações e propor ações para um maior número de pessoas, tentando alcançar pessoas para fora de suas bolhas.
Hipóteses das motivações dos sujeitos e grupos	A motivação seria a articulação com outras agendas, pautas globais, o fortalecimento dos laços entre a comunidade, a busca por ouvir as demandas e promover conhecimento e compartilhamento de ideias.
Avaliação das forças e problemas por detrás dos acontecimentos	O retorno do campo permitiu definir conforme as falas dos eventos o machismo, o racismo estrutural, o racismo religioso, o epistemicídio e a necropolítica como os fenômenos que motivaram as atividades desenvolvidas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Desenvolvendo os elementos elencados no Quadro 2, é preciso combinar todos os eventos dos quais participei desde 2018, mesmo aqueles não selecionados, mas que, em função de sua conjuntura, tornaram-se elementos desse cenário. Por fins de delimitação, não foram estudados eventos de outros Estados e ocorridos fora do país, no entanto, esse movimento estruturou-se para além do Rio

Grande do Sul, principalmente no eixo Rio – São Paulo. Para análise da conjuntura apresentada no quadro, levo em consideração as definições de Souza (1986), de que essa parte do processo é uma combinação de conhecimento teórico e empírico, aliada a uma leitura especial da realidade.

Como a análise da conjuntura nunca é executada de forma neutra ou desinteressada, coube inicialmente perceber que o fato de eu ser uma mulher negra facilitou essa leitura por diversos fatores, entre eles: dentro dos eventos ao conversar com algumas participantes, nunca fui lida como uma estrangeira dentro do grupo; diversas experiências não eram novidades para mim, algumas senti em diversos momentos da minha vida e ao entrar em contato com leituras ou falas que as abordavam, percebia que eram questões estruturais e não particulares da minha vivência; os eventos mesmo que organizados por grupos distintos acabaram por apresentar um alinhamento, estabelecendo um fio condutor para o que a análise estabelece como curvas de futuro.

Segundo Souza (1986), a análise da conjuntura é em qualquer circunstância um ato político e, ao realizar o procedimento junto da etnografia, algumas categorias, abstraídas das falas, leituras disponibilizadas e das fotos, emergiram como um significado de resistência em meio ao apagamento e à invisibilidade da cultura de matriz africana, ponto denunciado pelas participantes.

O primeiro ponto, nesse sentido, refere-se ao sistema de cores, especificamente observado nas fotos do Ciclo de Debates e da Figura 18, formatura do Curso Dandaras. Todas as cores estavam relacionadas com os orixás regentes da maior parte dos participantes, por exemplo, na formatura do Curso Dandaras, na UFRGS, as vestes brancas dos que fizeram a dança de abertura referem-se ao Pai Oxalá, que, assim como nos rituais de religiões de matriz africana, é o primeiro orixá a ser saudado, de modo que os seus filhos trajam branco, como simbologia. No Ciclo de Debates, o mesmo sistema, filhos de Oyà vestidos de vermelho, de Oxum, amarelo e assim em diante. Até mesmo no Curso de Filosofia Africana, em dado momento, a filósofa Katiúscia Ribeiro comentou estar de saia amarela em homenagem a mãe Oxum.

O segundo elemento desta análise diz respeito às relações teóricas de todos os eventos, o Ciclo de Debates inicialmente demonstrou uma iniciativa inovadora nesse sentido, visto que em diversos momentos, como na fala de Sangoleke e de Mãe Negrita, ocorreram misturas entre as encruzilhadas de Exú e a dialética de

Hegel, mesmo esta, com seu racionalismo, sendo considerada como base do racismo moderno. Ainda que contraditórias, as lógicas distintas podem se encontrar, como aconteceu, não para uma reconciliação, mas para uma oposição que coabita a realidade de pessoas negras, como de fato é, para além da teoria. Tal dinâmica lembrou em muito as crônicas da dramaturga Cidinha da Silva (2018) sobre exuzilhar, conceito criado pela autora em 2010 para dar conta dessas encruzilhadas.

Um ponto que se sobressai são as experiências de sobrecargas relatadas pelas participantes, algo que eu não tinha previsto como um fator a ser observado inicialmente. Interessante observar que o conhecimento, a palavra, especificamente, assim como instrumento político de possibilidade de melhoria da realidade, também se configura como um peso, um instrumento de sobrecarga, não só pela repetição das situações racistas, como pelo arranjo em alguns momentos em que as ativistas intelectuais se veem presas em alguns momentos, como ocorrem casos de cunho midiático ou em momentos como o Novembro Negro. Tal ponto já havia sido denunciado pela filósofa Vilma Piedade (2017, p. 11) que em seu livro sobre o conceito de dororidade questiona o contrapeso do uso de palavras, ao escrever: "Parei de correr atrás das palavras, reflexões. Elas, às vezes, dão a falsa impressão de terem desistido da luta e me deixado a ver navios – ou, no contexto atual, o melhor seria dizer malas?".

Acredito inclusive que o conceito de dororidade de Piedade (2017) possa dar conta de explicar as malas ou excessos de bagagens que as mulheres negras têm carregado nessa trajetória atlântica. Tendo em vista a exposição da autora de que o conceito de sororidade não daria conta das experiências de pretitude, que se intercalam com a questão da ausência. São as experiências de dor, segundo a filósofa, que conectam as mulheres negras, essa ausência nos espaços de poder que tem de ser enfrentada diariamente, causando mais dor, cansaço e muitas vezes constatando que a denúncia de Sueli Carneiro (2003), em seu ensaio sobre mulheres negras e poder, mantém-se atual: tal relação continua ocorrendo de forma abissal.

Outra questão emergida desta análise refere-se à linguagem, que se tornou um dos instrumentos do aparato colonial. Se por um lado iniciativas como os termos Keméticos apresentados no Curso de Filosofia Africana se constituem como uma inovação e uma ferramenta antirracista, ainda existem questões a serem enfrentadas quando se trata da língua portuguesa, ou da língua afro-brasileira se

levarmos em conta os termos em banto e yorubá que fazem parte do nosso idioma. Nesse sentido retomo a crítica de Sangoleke de que inclusive temos uma relação mais extensa com o banto, mas foi apagada e priorizada a parte em yourubá, por questões de poder de um povo sobre o outro. Contudo, quando pensamos no racismo implícito na língua, lidamos com questões de dororidade, também refletidas por Piedade (2017, p. 40), ao lembrar como somos remetidos a sentimentos positivos ao falar de inveja branca, um tipo de inveja que não seria ruim, assim como magia branca, umbanda branca... Em contrapartida, se falar de magia negra, somos direcionados a sentimentos de baixa estima, de modo que a língua continua a ser um espaço de luta. Sobre esse espaço, de forma poética, a filósofa apresenta tal embate em um poema:

Faxina tem cor? Aqui tem. Tem cor.  
É preta. Ou limpa a sujeira, que é  
Preta. Tá no léxico. No dicionário.  
É só procurar, sinônimos ou antônimos.  
A oposição linguística é notória,  
estrutural, alimenta o imaginário...  
o racismo... Branco-Luz. Preto-sujo.  
Tá na nossa Língua Portuguesa. É isso  
que também conceituo como...

Dororidade... o que é?  
Ou o que pretende ser?

Seria a Dor e a nem sempre Delícia de se  
Saber ou de não se Saber  
Quem somos... (PIEADADE, 2017, p.43).

De experiências particulares lembrei dos tempos em que morei no Rio de Janeiro, e a questão da língua era motivo de escárnio pelos moradores da comunidade da baixada, que tinham o hábito de trocar a letra "L" por "R", pronunciando palavras como brusa (blusa), Cráudia (Cláudia), crima (clima), por exemplo. Muitas vezes em novelas as pessoas pobres e negras eram representadas reproduzindo as palavras dessa forma, como entretenimento. Mas, como Lélia Gonzalez definia, tal questão faz parte do que chamou de pretoguês, pois o que é considerado um erro, na verdade é um resquício do idioma africano, o qual não possui a letra "L".

Com relação à musicalidade, nos demais eventos que participei, a música não foi considerada um referencial, nesse sentido não posso estabelecer uma comparação, contudo, um dos pontos abordados no Curso de Lideranças Negras (2020) e no Curso Dandaras (2019) a presença do racismo estrutural também

através de músicas que estão encrustadas no imaginário social. Um dos exemplos levantados pelas alunas foi a música “Da cor do pecado” de João Gilberto, da qual separam algumas estrofes:

Esse corpo moreno, cheiroso e gostoso que você tem  
 É um corpo delgado, **da cor do pecado**, que faz tão bem [...]  
 Quando você me responde  
 Umas coisas com graça  
 A vergonha se esconde  
 Porque se revela a **maldade da raça** [...] (JOÃO GILBERTO, 1973).

O exemplo mostra que nem todas as músicas podem ser resinificadas, como o exercício feito no Ciclo de Debates, mas podemos observar como a língua e seus esquemas racistas vão se desdobrando em diversos campos: teorias, músicas, poemas, arte de um modo geral, de forma que se torna inegável a sobrecarga de batalhas a enfrentar. O desafio, segundo análise das falas observadas, encontra-se em cada confronto presente em tudo que é produzido no contexto da matriz africana. Quando se questiona a filosofia africana, por exemplo, questiona-se a capacidade do negro de pensar. Da mesma forma, quando se soterra a sociologia produzida por mulheres negras, o que está em pauta é a capacidade dessas mulheres de compreenderem a realidade social enfrentada de modo sistemático e ancestral.

O último ponto a ser apresentado nesta análise refere-se à construção do fio condutor das conjunturas, que não podem ser descritas aqui de formas genéricas. Eu escrever aqui apenas que tudo é fruto de racismo estrutural, do patriarcado, seria fazer uma análise de conjuntura de relógio "quebrado", como Gennari (2015, p. 22) definiu: " Apesar de não estar funcionando... acerta a hora duas vezes por dia". Da mesma forma, afirmar que um ou outro fato ou alguma situação definiu todos os movimentos produzidos por mulheres negras seria irresponsável de minha parte. Com isso, apresento a análise de conjuntura dos marcos históricos citados nos eventos e nos artigos apresentados para que se tenha um panorama completo de toda trajetória empreendida para a construção do ativismo intelectual de mulheres negras.

### Quadro 3 – Marcos históricos para o ativismo intelectual de mulheres negras

Século	Ano	Situação
XVI	1539 a 1542	Chegada no Brasil das primeiras pessoas escravizadas do continente africano.
XIX	1837	Lei educacional que proibia pessoas negras de frequentar o ambiente escolar na condição de alunos.

XIX	1850	Lei das terras; proibição de pessoas negras como proprietárias de terra, mesmo que repassada por herança.
XIX	1871	Lei do ventre livre; mulheres negras dariam a luz a crianças livres.
XIX	1885	Lei do Sexagenário; liberdade concedidas aos escravizados com idade superior a 60 anos.
XIX	1888	Lei Áurea; Extinção da escravidão.
XIX	1890	Lei dos vadios e capoeiras; proibição da prática de capoeira com severas punições.
XX	1910	Revolta da Chibata; motim naval do Estado do Rio de Janeiro contra chibatadas em marinheiros negros.
XX	1931	Criação da Frente Negra Brasileira (FNB).
XX	1968	Lei do Boi; reserva de 50% de vagas das universidades e 30% de vagas no ensino médio para filhos de agricultores.
XX	1978	Criação do Movimento Negro Unificado (MNU).
XXI	2001	Conferência de Durban; necessidade de criação de políticas reparadoras.
XXI	2003	Lei 10.639; obrigatoriedade da temática de História da Cultura Afro-brasileira nas diretrizes e bases da educação.
XXI	2008	Lei 11.645; inclusão da temática da Cultura Indígena.
XXI	2009	Portaria 992; institucionalização da política de saúde da população negra.
XXI	2010	Lei 12.888; Estatuto da Igualdade Racial.
XXI	2011	Lei 12.711; Instauração de cotas nas universidades.
XXI	2014	Lei 12990; Reserva de 20% das vagas oferecidas em concursos públicos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser observado no Quadro 3, a luta do ativismo intelectual vem atravessando séculos e, em muitos momentos, alguns avanços voltam a ser questionados, pois o racismo estrutural tem como objetivo o apagamento de toda essa trajetória. Outro ponto dessa construção de análise da conjuntura refere-se a algumas conquistas, muitas vezes creditadas a pessoas brancas, aliadas do movimento. Não nego a existência de defensores, mas negar o crédito à população que, apesar de toda violência à qual é submetida, mantém-se resiliente, acaba tornando-se mais um projeto do epistemicídio.

Por fim, cabe conjecturar que existem inúmeros esforços e marcos históricos para além dos apresentados no Quadro 3. Os eventos aqui discutidos também se constituem como marcos desse processo. A poesia de Patrícia, os ensinamentos de Katiúscia Ribeiro, o acolhimento de Iyá Flávia, o sorriso de Mãe Negrita, a Fada Pretinha da professora Ingrid Costa, o abrir de olhos de cada mulher negra tendo consciência do que enfrenta ao longo dos dias são conquistas que nem sempre saem no jornal e nem por isso deixam de ser importantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao material produzido nesta tese, em parte num processo de pandemia e em sua totalidade durante um governo de total descaso com a ciência e com a população negra, mostra-se como uma pequena contribuição aos estudos das Ciências Sociais. Tentei através de minha interpretação apresentar como a interseccionalidade (Akotirene, 2019) e a ancestralidade se relacionaram dentro dos eventos considerados frutos de um ativismo intelectual que permanece sendo promissor. A partir dessa configuração, se o primeiro conceito diz respeito às inúmeras opressões que perpassam os sujeitos, o segundo estabeleceu-se como uma possibilidade de insurgência frente a essas opressões, tornando-se um legado dos que vieram antes e aprenderam a resistir de diversas formas que busquei compreender.

De forma similar ao que foi visto na formatura do Curso Dandaras e no Ciclo de Debates Meninas de Oyà, nos quais as apresentações foram feitas de pés descalços, comportamento que possui resquícios da ancestralidade, a ligação com a terra através da planta dos pés, busquei sentir o que o campo me apresentou, tentando me descalçar o máximo possível de exigir respostas que se adequassem às minhas expectativas. Em alguns momentos essa quebra de concordância foi percebida quando alguns diálogos não estavam de acordo com o apresentado pelos demais participantes. A ideia de apresentar as divergências foi justamente para trazer a realidade dos acontecimentos de forma mais imparcial possível, se é que existe essa imparcialidade na ciência.

Muitos elementos ao longo do percurso revelam similaridades, refletindo a relação diaspórica com África, os eventos observados mostraram pontos de ligação, tais como: o legado linguístico passado através dos termos de origem yorubá, banto, ketu e nagô, que nomeiam orixás, práticas religiosas e outros; as formas de recreação desenvolvidas em parte pela sabedoria e pela filosofia africana, com a dança circular; os instrumentos que envolveram as palestras, utilizados no continente africano, levando inclusive a mesma denominação; a própria religiosidade, que, ainda que desenvolvida no Rio Grande do Sul de modo distinto, carrega a carga africana em sua construção; a culinária, a qual está impressa tanto nos rituais de oferenda, como na própria relação com a alimentação; a socialização e sua relação com o respeito aos mais idosos, observado durante as práticas, a



busca pelo enaltecimento da autoestima das crianças, inserindo suas participações em alguma atividade, e o respeito tanto na fala quanto na escuta dos participantes uns com os outros.

Encontrei, também, distanciamentos advindos da subjetividade de cada local, o que de forma alguma foi encarado como um problema, visto que o objetivo desta pesquisa não era procurar somente encaixes, interessando, do mesmo modo, os desencaixes no batuque.

Nesse sentido, o ativismo intelectual pode ser entendido como uma comunidade que congrega, em sua maioria, pela eficácia das relações entre os praticantes como grupo, organizadas em torno da compreensão de sua ancestralidade. Por esse ângulo, a resistência e o esforço depreendido pelas organizadoras dos cursos de formação permitiram que muito do que tem se articulado, de forma teórica, pudesse ser evidenciado de forma prática. Muitas perguntas podem ter ficado em aberto, entre elas como essas mulheres se articularam no processo da pandemia de Covid-19 e como se encontram hoje, passado esse momento. Acredito que tais questionamentos permitem o surgimento de outras pesquisas que possam dar seguimento às iniciativas aqui empreendidas, pois o ativismo intelectual não é um fenômeno atual, tampouco estático, sempre haverá nuances a serem investigadas.

Por fim, compreendo as práticas deste ativismo como espaço de aprendizado e de observação do que vem se discutido frente à emergência de uma sociedade antirracista. Desse modo, vislumbro o potencial da pedagogia e do modelo político de sociedade produzidos nos cursos de formação como aspecto fundamental a ser observado, sobretudo no que tange a práticas institucionais e política pública no sentido de pensar os direitos dos povos de terreiro e o ideário de sociedade justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

APA. **Manual of The American Psychological Association**. 2020.

CABANILLAS, Natalia. Para além do político mulheres ativistas na Cidade do Cabo, África do Sul. 2016. xi, 273 f., il. **Tese (Doutorado em Sociologia)** — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339f. 2005. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CHRISTIAN, Barbara. A disputa de teorias. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 85-97, 2002.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>. Acesso em: 17 de junho de 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2011. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/375003/mod\\_resource/content/0/Carneiro\\_Feminismo%20negro.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf). Acesso em: 19 de julho de 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **On intellectual activism**. Philadelphia: Temple University, 2013. p. 254.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, **Feminist Theory and Antiracist Politics**. P. 139, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. VV. AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. (trad.) MAGALHÃES, Lucy e ROCHA, Enilce Albergaria. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participantes. **Desvendando máscaras sociais**, 1900.

GENNARI, Emílio. **Dicas para uma análise de conjuntura**. São Paulo: Coletivo, v. 13, 2015.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record, 2011.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura Brasileira. Silva, Luiz Antonio. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. **ANPOCS**. Brasília, 1983.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: **Caderno de formação política do Círculo Palmarino**, n.01 Batalha de Ideias. (2011). 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod\\_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf). Acessado em 07.02.2020.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa---. Diáspora Africana, 2018.

GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. **Raça e Classe**, v. 5, 1988.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOÃO GILBERTO. Da cor do pecado. **João Gilberto**. Polydor, 1973

LUKE, Carmen; GORE, Jennifer. **Feminisms and critical pedagogy**. Routledge, 2014.

MELO, Iran Ferreira de. Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo. 2013. **Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa)** - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04072013-100403/>. Acesso em: 13 de outubro de 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **Todas (as) distâncias**: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento/Organizado por Alex Ratts e Bethânia Gomes. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015.

NOGUERA, Renato. A ética da serenidade: o caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. **Ensaio Filosóficos**, v. 8, p. 139-155, 2013.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, v. 20, p. 377-391, 2014.

PEREIRA, Vilmar Alves. Ecologia Cosmocena. **A redefinição do espaço humano no cosmos**. Juíz de Fora, MG: GARCIA Edizioni, 2016

PIEIDADE, Vilma. Dororidade São. Paulo: Nós, 2017

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y des/colonialidad del poder. In: **conferencia dictada en el XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires**. 2009. p. 1-15.

RICARTE, Erbênia Maria Girão. Narrativas da professora Ruth Cavalcante: lições de educação, de militância e de exílio no período 1960 a 1980. 2018. 107f. - **Dissertação (Mestrado)** - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2018.

SILVA, Cidinha. Exuzilhar: melhores crônicas de Cidinha da Silva, vol. 1. **São Paulo: Kuanza Produções**, 2018.

SILVA, Danilo Santos da. História e protagonismo negro: africanidade, cultura histórica e ensino de história na trajetória de Abdias Nascimento (1944-1999). 2016.180 f. **Dissertação (Mestrado em História)** - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SILVA, S. Julia. “Vem vamos juntos! Dá-me tua mão e vamos juntos!”: Reconhecimento e Narrativas Sobre a Trajetória de Oliveira Silveira. 2014. 200 folhas. **Dissertação (Mestrado em Antropologia)** - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

SOUZA, Herbert Jose. **Como se faz análise de conjuntura**. Vozes, 1986.

TAQUETTE, Stella R.; BORGES, Luciana. **Pesquisa Qualitativa Para Todos**. Editora Vozes, 2021.

## Apêndice I – Vocabulário kemético do Curso de Filosofia Africana

### FAMÍLIA

Ancestrais= **Jer-tee-oo**

Mãe= **Moot**

Filha= **Saht**

Irmã= **Senet**

Esposa= **Hemet**

Pai= **Yi-tef**

Filho= **Sah**

Irmão= **Sen**

Marido= **Hee**

### NÚMEROS

1= **wa**

2= **sen**

3= **shomt**

4= **fe-doo**

5= **dee-oo**

6= **ver-soo**

7= **fe-se**

8= **sheme**

9= **pe-sej**

10= **mej**

### PALAVRAS DE CONVÍVIO

Saudações/Paz= **Htp/Hotep/Hetepoo**

Agradecimento/Obrigado= **Dua**

Seja bem-vindo= **iiit (ee ee tee)**

Que você tenha vida, prosperidade e boa saúde= **Ankh, Udja, Seneb**

Como você está?= **Nej-se-ret**

Bom dia= **Be ka nefer**  
 Boa Tarde= **Met-ret-nefer-et**  
 Boa Noite= **Ge-reh-nefer**  
 Que horas são?= **Wnoot-poo ee she-set?**  
 Onde você está?= **Em tek chen**  
 Você entende?= **Ene se-jes-ek**  
 Vá em paz= **Shem em hotep**  
 Se conheça= **Res-jes-ek**  
 Eu faço Ma'at= **Yir ee Ma'at**  
 Obrigado Neter Re por você...= **Dua Neter Re ne ek...**  
 Seja a favor de Re= **Em heset net Re.**

## **PALAVRAS ESPIRITUAIS GERAIS**

**Re (Ray) ou Aten/Aton**= Sol, princípio supremo  
**Iah** (pronunciado "Yah", às vezes "ee-ah")= Lua  
**Neter**= Deus  
**Neteret**= Deusa  
**Neteru**= Deuses/Deusas

Mau= **Bin**  
 Bom/Perfeito= **Nefer**

Luz= **Ela-sep**  
 Trevas= **Keke**

Nunca= **En sep**  
 Sim= **Tee-oo**  
 Não= **Nen**  
 Ajuda= **Sem**  
 Antigo= **Yah**  
 Novo= **Mah-oot**  
 Templo= **Er-per**

Senhor= **Neb**

Senhora= **Nebet**

Terra= **Ta**

Casa da Vida= **per Ankh**

**Rekh**= Homem sábio, instruído, erudito, filósofo (quando escrita com o hieróglifo de um homem sentado).

**Rekhet**= conhecimento, ciência, filosofia, investigação sobre a natureza das coisas (**Khet**) com base em conhecimento preciso (**Rekhet**) e bom (**Nefer**) julgamento (**Upi**).

**Upi**= julgar, discernir, dissecar.

**Upet**= especificação, julgamento.

**Upset**= especificar, dar os detalhes de alguma coisa.

**Sat**= (no hieróglifo, um homem com a mão na boca) sabedoria, prudência.

**Sai**= sábio, prudente, sagaz, silencioso.

**Maat**= verdade, justiça, equidade

**Seba**= (simbolizado por uma “estrela”) escola, casa de ensino (**na seba**) ensinar (sugere metodologia e um processo árduo de aprendizagem), porta, pupila (**sebaty**), estrela.

**Sebayit**= ensino escrito, instrução, sabedoria, pedagogia (arte de trazer os alunos das trevas para a luz na vida intelectual e espiritual).

**Tep-heseb**= “método correto”

**Nefer Netcher/Neter**= Bondade de Deus

**Nesyt**= realeza humana

**Ib/haty**= coração, sede de pensamentos e emoções, mente, compreensão, inteligência, razão.

**(Wnn)Unen**= (lebre do deserto) existir, ser (existência em um sentido pleno de sangue), mover-se, correr (para ser sempre tem que estar em movimento, funcionando).

**Hotep**= repouso

**Shemet**= movimento

**Unen-nefer**= aquele que é continuamente feliz, aquele cuja vida foi regenerada

**Unen**= existir, ser (evoca a imortalidade de “Osíris”/Usire/Wnn-nfr, que morreu e renasceu)

**Djed=** (colunas no suporte do templo) ser estável, pilar, estabilidade (**Djedet**), duradouro, eternidade (**Djet**).

**Djeru=** fronteira, limite, fim, Todo, Universo.

**Er-djer=** criação

**Neb-er-djer=** Senhor de Todos, Senhor do Universo

**Maa=** real, verdadeiro

**Tut=** estátua

**Tut Ankh=** imagem viva

**Se-ankh=** esculpir

**Ka=** poder, força, “essência espiritual” (essência)

**Ba=** “alma” (poder de tornar o morto “um poderoso”)

**Khem=** ignorar

**Mer=** Amor

**Kheper=** tornar-se, efetuar-se, manifestar-se, vir-a-existir, mudar-para..., ocorrer, acontecer, ser, revelar

**Tem=** completo, inteiro, abrangente, totalidade

**Tep=** problema dado

**Mi djed en. Ek=** “se alguém diz a você isso”, definição.

**Mi djed=** “de acordo com aquilo que é dito”, raciocínio, problema formulado.

**Peter/Pety=** “O que?” (usa-se no início de perguntas com a função de provocar um predicado lógico), ponderar, analisar, inspecionar.

**Iret mi Kheper=** procedimento correto, demonstração, processo de raciocinar, calcular.

**Rekhet ef pw=** solução, evidência.

**Seshemet, Seshmet=** exame da prova, revisão.

**Gemi ek nefer=** “você achou bom”, fez/fazer o que deveria/deve ser feito.

**Gemi=** encontrar, obter por esforço.

**Bau=** poder

**Hedjut=** brilho

**Nakhtu=** vitória

**Useru=** riqueza

**Udjau=** prosperidade

**Asha=** abundância

**Djoseru=** santidade



**Aperu**= prontidão

**Iri**= criatividade

**Djeba**= adorno

**Hatiu**= ato de pensamento/pensamentos

**Udjet-medu**= expressão dominante, comando

**Hu**= “enunciado autoritário”, discurso dominante

**Sai**= percepção (recepção cognitiva de um objeto, ideia ou situação)

**Nes**= língua

## Anexo I – Apresentação do Curso de Filosofia Africana



### Descrição do evento

[2ª EDIÇÃO] Curso de Introdução à Filosofia Africana, ministrado pela Prof<sup>ª</sup>. Katiúscia Ribeiro

O objetivo do curso é fomentar a discussão sobre filosofia africana antiga, buscando a compreensão dos pensamentos e conceitos desenvolvidos nas escolas de escribas no antigo Egito (Kemet) compreendendo o contexto histórico a época e seus sistemas filosóficos. O curso pretende apresentar de modo sucinto e em caráter introdutório, a filosofia africana antiga, especificamente parte do pensamento egípcio através da leitura de textos datados de 1300 a.c. Trabalharemos com filosofia egípcia e com o pensamento de filósofos da época, apresentando a ética e os ensinamentos propostos para pensá-la. Possibilitando a ampliação dos estudos e debates sobre filosofia africana antiga através das escolas e os ensinamentos passados.

Como proposta de compreensão do curso, propõe o exercício filosófico/Espiritual holístico ancorado no coração como a consciência sendo a ferramenta fundamental para a reintegração da subjetividade do sujeito africano na reconstrução de sua agencia. Um sentido ética/espiritual como afetação do sentido do coração sendo mais forte que a razão para o ser africano se entender como ele

realmente é, em sí, e não pelo que ele fisicamente apresenta. Uma perspectiva holística ontológica na qual o lb (coração) torna-se o centro do desenvolvimento individual e coletivo a partir do qual cada homem poderia aderir à verdade, abrigo de seu caráter, sua virtude, sua competência e sua vontade. O não conhecimento é a derrota de si mesmo é uma das ferramentas mais eficazes para a manutenção das violências impostas sobre os povos africanos. A cura e o bem-estar do Ser africano está na reconstrução de sua subjetividade e ontologia destruídas pelas violências colônias a filosofia como exercício holístico reintegra a agencia do ser a partir de sua própria forma de compreender-se.

Parte do valor arrecadado será destinado a construção da Kilomboteca Delzia Lemos, localizada no Quilombo Lemos.

\*Os critérios de inscrição para o ingresso solidário, bem como a inscrição em tal modalidade deve ser feita no link: <https://forms.gle/EBXCuVBdT1hJL6Xt6>.

#### PROGRAMAÇÃO:

27/10/2019 (Domingo)

8h30 às 12h

#### MÓDULO 1: KEMET: HISTÓRIA ANTIGA DA FILOSOFIA AFRICANA

- a. Conceitos Keméticos antigos de Filosofia
- b. Definição de Filosofia a partir da realidade Kemética
- c. As escolas da vida (Per Ankh) e os ensinamentos escribas
- d. A concepção Metafísica de Filosofia Kemética

12h às 13h

Almoço

13h às 16h

#### MÓDULO 2: MAAT: A PEDRA ANGULAR DA FILOSOFIA AFRICANA

- a. A compreensão de alma e Ser na Filosofia em KMT
- b. O Caráter dinâmico do pensamento Kemético sobre existência
- c. Maat como a personificação da virtude perfeita
- d. A imanência de Maat na cultura Africana

16h30 às 19h30

MÓDULO 3: SUBJETIVIDADE E ANCESTRALIDADE: Caminhos para a reconstrução do Ser Africano

- a. A reontologização do sujeito
- b. Reconstrução da subjetividade Ocidental
- c. Kemet e a construção da subjetividade Ancestral

Prof.º KATIÚSCIA RIBEIRO

Possui Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Filosofia e Ensino pelo programa de Pós-graduação de Filosofia e Ensino – PPFEN – CEFET / RJ com Dissertação tema: Kemet, Escolas e Arcadeas – A Filosofia Africana no Combate ao Racismo Epistêmico e a Lei 10639/03. Atualmente é Doutoranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais IFCS/PPGF, sua pesquisa é sobre Filosofia Kemética.

É Coordenadora Geral do Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios Geru Mãe / UFRJ na área de Filosofia Africana/ Indígena. É professora de Filosofia do Direito na Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro – EMERJ.

Suas pesquisas envolvem: Filosofia em Kemet, Ib (Coração), o ser, Filosofia Africana antiga, Subjetividade, Ontologia, Ética, Kemética, Filosofia política, Epistemicídio e a lei 10639/03 e a garantia de seus direitos e aplicabilidade bem como ações emancipatórias para a população negra. Ribeiro tem familiaridade com as filosofias de: Maat, PthaHotep, Amenemope, Theophile Obenga, Cheikh Anta Diop, Maulana Karenga, Kimani Nehuse, Molefi Kete Asante, Ama Mazama, Marcus Garvey, Marimba Ani, Cheikh Anta Diop, Angela Davis, Bell Hooks, Sombofu Somé, Sueli Carneiro e Abdias do Nascimento.